

O CADERNO DE IVAN

o mendigo que
socava o rosto



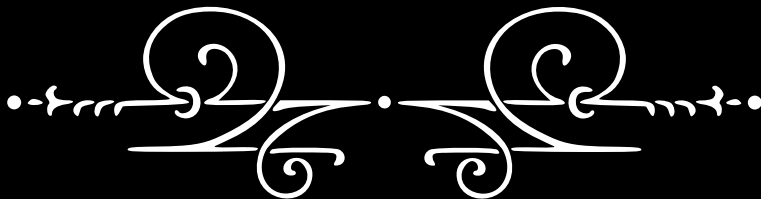
Jackson da Mata



Editora
PORTO DE LENHA

“No osso da fala dos
loucos têm lírios.”

– Manoel de Barros



O CADERNO DE IVAN

o mendigo que
socava o rosto

Jackson da Mata



Editora
PORTO DE LENHA



Copyright © 2020, **Porto de Lenha Editora**



Título original:
O caderno de Ivan: o mendigo que socava o rosto

Capa, Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica:
Porto de Lenha Editora

Fotografia de capa:
Jair Costa | @eusoujaircosta (*Ivan, o mendigo, em 2013*)

Grafia segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil desde 2009.

ISBN: **978-65-88390-70-2**

Distribuição Gratuita

Mata, Jackson da.

O caderno de Ivan: o mendigo que socava o rosto/ Jackson da Mata.

Manaus, AM: Porto de Lenha Editora, 2020.

76 p.; 14, x 21, cm

Publicado no Brasil

1. Literatura brasileira. 2. Cartas – Diário
3. Psicopatologia – Ficção I. Título

CDU: 82-94

CDD: B869.6

Índice para catálogo sistemático:

869.6 Cartas

616.8 Doenças do sistema nervoso e desordem mental

Porto de Lenha Editora

Caixa Postal 174, 95670-000 Gramado, RS

E-mail: editora@portodelenha.com

www.portodelenja.com | www.portodelenja.com.br

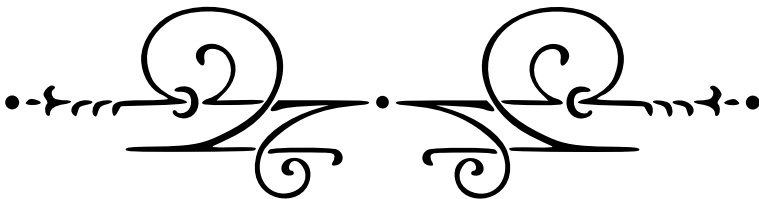
Prefácio

No início do século XXI, Manaus se revelava como um cenário onde o passado e o presente se entrelaçavam de forma harmoniosa. Às margens do Rio Negro, ainda eram visíveis os vestígios do auge do ciclo da borracha, quando a cidade desfrutava de riqueza e prosperidade. O imponente Teatro Amazonas, um ícone da opulência arquitetônica, continuava a personificar a grandiosidade da Belle Époque amazônica, enquanto os casarões coloniais, com suas fachadas exuberantes, mantinham viva a influência europeia na região. Nesse ambiente de esplendor e exuberância, festas, ritos indígenas e a cultura amazônica se entrelaçavam em perfeita harmonia, criando uma tapeçaria cultural singular que enriquecia a experiência daqueles que percorriam as ruas da cidade. Era uma época em que o tempo parecia dançar em um compasso tranquilo, como se as horas e os minutos seguissem um ritmo único, ditado pelo calor envolvente que abraçava a cidade. À medida que o sol surgia no horizonte, o céu se tingia de tons alaranjados e dourados, como se a própria natureza saudasse a majestade amazônica.

Manaus, com sua arquitetura eclética e complexa, oferecia um contraste notável entre o passado glorioso e o presente em ascensão. A cidade palpitava com cores e sons vibrantes. Nas feiras, barracas coloridas exibiam os frutos exóticos da região, como o açaí e o cupuaçu, enchendo o ar com seus aromas inebriantes. O mercado flutuante, por si só um espetáculo, apresentava barcos repletos de peixes vi-

brantes e ervas medicinais. A cultura amazônica, rica em mitos e rituais, ainda permeava a vida cotidiana. Os indígenas, com suas tradições ancestrais, conviviam harmoniosamente com a influência europeia manifestada nas igrejas barrocas e nas festividades religiosas. Era uma fusão de culturas, onde lendas sobre o boto cor-de-rosa e a Iara se misturavam com celebrações religiosas e ritmos tribais.

À noite, o som das serenatas ecoava pelas ruas estreitas e sinuosas, acompanhado pelo suave brilho das luminárias que iluminavam os casarões coloniais. O jazz e o choro se fundiam nas apresentações de músicos talentosos, enquanto as histórias encantadoras da floresta eram contadas sob o manto estrelado da selva. Nessa Manaus efervescente, onde a natureza imponente se erguia como uma diva sagrada e onde a herança cultural se amalgamava com a promessa de um futuro em constante evolução, surgia a figura enigmática de Ivan. Seu caminho nos levará por trilhas intrincadas da mente humana, onde a razão e a loucura se entrelaçam em um duelo complexo. Neste cenário, exploraremos as profundezas de sua psique e as complexidades de sua busca por significado, enquanto vagamos pelas ruas de Manaus, uma cidade que, como um espelho refletindo a alma de seus habitantes, guarda segredos profundos e memórias inesquecíveis. Bem-vindo ao mundo de Ivan, pelas trilhas enigmáticas da razão.



Introdução

Era mais um dia quente e abafado em Manaus, uma daquelas tardes em que o calor pairava no ar como uma manta pesada. Eu estava sentado em um banco da Praça da Saudade, observando a vida agitada ao meu redor. As pessoas passavam apressadas, enquanto o trânsito caótico ecoava pelas ruas próximas.

E então, o vi. Ivan, um homem de meia-idade, estava sentado em outro banco, não muito longe de onde eu estava. Ele parecia perdido em seus próprios pensamentos, absorto em um mundo que só ele conhecia. Mas havia algo perturbador em sua postura.

Ivan, em seus momentos de agonia, tinha um estranho hábito de bater em seu próprio rosto. Era como se ele estivesse travando uma batalha interna, uma luta silenciosa contra seus próprios tormentos. Seus murros eram audíveis, e o som ecoava pela praça, atraindo olhares curiosos e preocupados das pessoas ao redor.

Eu o observava com uma mistura de compaixão e perplexidade. O que o levava a infligir tal dor a si mesmo? Por que ele se torturava dessa maneira? Essas eram perguntas que não tinham respostas claras naquele momento.

Minutos depois, algo inesperado aconteceu. Ivan se levantou abruptamente do banco, como se fosse impelido por uma força invisível. Ele saiu apressadamente, quase como se estivesse fugindo de algo ou alguém. E, no meio de sua retirada precipitada, deixou cair um caderno.

Eu me aproximei do objeto caído, curioso sobre o que poderia estar escrito ali. A capa do caderno estava gasta pelo tempo e pelo uso frequente. Parecia que continha histórias e segredos que Ivan carregava consigo.

Ao abrir o caderno, me deparei com as palavras escritas à mão, cuidadosamente registradas nas páginas amareladas. Eram fragmentos de pensamentos, observações sobre a vida e reflexões profundas, todas como cartas à uma mulher. Cada página era como um vislumbre do mundo interior de Ivan.

Lendo aquelas palavras, percebi que ali estava uma janela para a alma complexa de um homem que lutava contra seus próprios monstros. Suas palavras eram uma tentativa de dar sentido ao caos que o consumia, de encontrar um refúgio nas entrelinhas de sua própria mente atormentada.

Eu me senti compelido a ler mais, a explorar as profundezas das palavras de Ivan. Aquele caderno era como um elo que nos ligava, duas almas desconhecidas que se encontraram naquela praça tumultuada. Enquanto eu mergulhava nas palavras perdidas de Ivan, não tinha ideia de como essa descoberta iria me levar a um trajeto de reflexão intrigantes, um trajeto que me faria questionar minha própria compreensão da mente humana e da complexidade da existência.

Enquanto eu folheava o caderno e mergulhava mais fundo nas palavras de Ivan, ficou claro que essas cartas não eram apenas desabafos; eram sua ligação mais próxima com o mundo exterior. Ele escrevia para uma tal de Mariazinha como se estivesse sussurrando segredos no ouvido de uma amiga íntima.

"Minha querida Mariazinha, a noite cai sobre mim, mas a escuridão não é nada comparada à sua ausência. Sinto sua falta como a terra sente falta da chuva, como as árvores sentem falta do sol. Você é minha luz em um mundo que, sem você, é sombrio e desprovido de significado."

A vulnerabilidade de suas palavras era comovente. Ivan expressava seus medos mais profundos, seus desejos mais sinceros e suas dúvidas mais torturantes. Ele se abria para Mariazinha como se ela fosse o único farol em seu universo escuro.

"Às vezes, minha querida, eu me perco nos labirintos de minha própria mente. Os dias se misturam às noites, e a realidade parece fugir de mim. Mas é o pensamento de você que me mantém ancorado, que me impede de ser engolido por essa escuridão."

À medida que as páginas passavam, percebi que essas cartas eram um testemunho da batalha de Ivan contra a solidão e a melancolia que o atormentavam. Elas eram sua tábua de salvação, seu refúgio seguro em um mundo que o havia esquecido.

"Mariazinha, você é minha âncora, meu porto seguro. Mesmo que estejamos separados pelo tempo e pelo espaço, saiba que meu coração pertence a você e a mais ninguém. Enquanto eu puder escrever estas palavras, você estará viva em minha memória."

Mas, à medida que eu continuava a ler, uma pergunta assomava em minha mente. O que acontecera a Mariazinha? Por que ela não estava mais ao lado de Ivan? Sua ausência parecia lançar uma sombra mais profunda sobre suas palavras, uma tristeza que ele tentava, desesperadamente, exorcizar através de suas cartas.

Em algum lugar dentro de mim, eu sabia que essa era uma história que precisava ser desvendada. A história de um homem cuja ligação com a realidade dependia de palavras escritas, um homem que buscava desesperadamente encontrar sentido em um mundo que parecia ter perdido todo o sentido.

Eu fechei o caderno com cuidado, segurando-o como se fosse um tesouro recém-descoberto. Após devanear por um

momento, tentando entender a profundidade das palavras de Ivan e o que elas significavam para ele, uma única determinação se solidificou em minha mente: eu precisava encontrar Ivan e devolver-lhe este caderno.

Com o caderno em mãos, saí da praça da saudade e comecei minha busca pelo misterioso morador de rua. Passei por ruas estreitas, observei as pessoas que passavam, perguntei a vários transeuntes se o conheciam, mas minhas tentativas foram em vão. Ele parecia ter desaparecido naquela tarde, deixando apenas seu caderno para trás.

A busca me levou a lugares que eu nunca havia explorado antes no centro da cidade. Entrei em becos e até mesmo procurei nas redondezas do Rio Negro Clube, onde, aparentemente, Ivan costumava estar. Mas não havia sinal dele em parte alguma.

Com o cair da noite, retornei à praça da saudade, esperando que ele pudesse retornar ao local onde havíamos nos cruzado. Porém, o banco onde ele esteve sentado permanecia vazio, e as sombras da noite começaram a se alongar sobre o cenário.

Já cansado, levei o caderno para casa comigo, sentindo que era meu dever proteger aquelas palavras, aqueles pensamentos que, de alguma forma, haviam sido confiados a mim naquele dia.

Ao entrar em meu pequeno apartamento, coloquei o caderno sobre a mesa da cozinha e acendi a luminária. As palavras de Ivan pareciam me chamar, instigando minha curiosidade e empatia. Comecei a ler, página após página, perdendo-me nos sentimentos que ele compartilhava.

A noite se transformou em madrugada, e eu não conseguia parar de ler. Era como se Ivan tivesse me confiado seu diário mais íntimo, sua alma despejada em cada página. Suas palavras eram cruas, sinceras e, por vezes, angustiantes. Era como se ele estivesse desesperadamente buscando

redenção, encontrando consolo nas cartas para Mariazinha.

Ao longo das horas, fui testemunhando sua jornada, seus altos e baixos, suas alegrias e tristezas. Ivan era um homem complexo, e seu caderno era um portal para sua mente atormentada. E enquanto eu lia, uma pergunta persistente continuava a me assombrar: o que acontecera a Mariazinha?

As cartas de Ivan não eram apenas expressões de amor e saudade, elas também revelavam um aspecto profundamente filosófico de sua personalidade. Ele explorava questões existenciais, mergulhando nas complexidades da vida e da mente humana. Suas palavras eram como reflexões profundas sobre a natureza da realidade, da alma e do propósito da vida.

À medida que eu avançava na leitura, percebia como Ivan usava as cartas para desvendar seus pensamentos mais profundos e seus questionamentos sobre o mundo. Suas palavras eram um convite para uma jornada intelectual, uma busca pelo significado em meio à turbulência de suas experiências pessoais.

Cada carta era uma peça desse quebra-cabeça existencial, uma tentativa de compreender o sentido da vida e as complexidades da mente humana. E à medida que eu me aprofundava nesse mundo de pensamentos profundos, sentia-me cada vez mais compelido a encontrar e devolver as reflexões tão singulares de Ivan.

Para que o leitor entenda melhor, vou tentar descrever o conteúdo das cartas de Ivan, embora seja uma tarefa desafiadora capturar completamente o significado de parte do conteúdo de suas palavras. As cartas eram uma mistura única que incluía suas narrativas pessoais, todas direcionadas à Mariazinha. Ivan frequentemente mergulhava em devaneios, descrevendo o comportamento humano e as complexida-

des da vida. Suas palavras pintavam quadros vivos de intrigantes.

Entretanto, não eram apenas devaneios que ocupavam sua mente. Ivan explorava ideias complexas sobre a natureza da realidade, do tempo e do eu. Ele questionava a existência, a identidade e a consciência. Explorava também algumas questões matemáticas.

Suas narrativas pessoais eram igualmente intrigantes. Ele compartilhava partes de suas experiências de vida, desde os dias de sua juventude até sua vida nas ruas de Manaus. Ivan revelava suas lutas internas, sua busca por sentido e sua batalha constante com a escuridão que parecia assombrá-lo. Era como se suas cartas fossem um portal para a mente de um homem que dançava na fronteira entre a lucidez e a loucura.

Ler as cartas de Ivan era como seguir um fio de Ariadne em um labirinto da mente humana. Cada página revelava um novo enigma, uma nova peça do quebra-cabeça de sua existência. Eu sabia que aquelas cartas eram um tesouro de autenticidade, uma janela para a alma de um homem que ousou explorar as profundezas de sua própria mente. Determinado a compartilhar essa travessia, eu sentia que essas cartas eram uma janela para que o mundo adentrasse nas complexidades do cotidiano de um morador de rua, um convite para que todos conhecessem as páginas inexploradas de uma vida que se esconde nas sombras da sociedade. Era minha esperança que, ao revelar essas histórias escondidas, pudéssemos transformar o desconhecido em compreensão, a indiferença em empatia e, finalmente, iluminar o caminho para um mundo onde todos possam encontrar dignidade e compaixão. E assim, embarquei para revelar os escritos de Ivan, na esperança de que suas reflexões e sua busca incansável por sentido encontrassem eco em corações ansiosos por compreender as veredas loucas da razão.

I

Hoje, permita-me viajar contigo de volta às lembranças de minha infância, um tempo distante, quando minha mente ainda era um terreno inexplorado e meu coração batia ao compasso dos sonhos mais simples.

Cresci em um lar modesto em um bairro tranquilo. Meu pai, um trabalhador incansável, passava longas horas na fábrica, e minha mãe, uma mulher de sorriso doce, dedicava-se às tarefas domésticas e ao cuidado da família. Eu, um menino curioso e cheio de energia, era o primogênito de três irmãos.

As tardes de verão eram preenchidas com aventuras na vizinhança, correndo pelos campos e explorando a vastidão do mundo ao meu redor. Meus sonhos de infância eram simples, mas repletos de imaginação. Eu ansiava por voar nas asas da liberdade, conhecer lugares distantes e descobrir os segredos escondidos nas sombras da noite.

Mas, Mariazinha, mesmo nesses momentos de inocência, eu já sentia os primeiros sinais de inquietação mental. Às vezes, meus pensamentos vagavam para lugares obscuros, e eu me questionava sobre o significado da vida e da existência. Essas indagações, estranhas para uma criança, sussurravam em minha mente como um mistério a ser desvendado.

Minha família, preocupada com minha crescente introspecção, tentava me guiar de volta à realidade. Eles não compreendiam a turbulência que borbulhava dentro de

mim, os anseios que me empurravam em direções desconhecidas. Esses eram os primeiros indícios em direção à "loucura" que mais tarde me envolveria.

Nesta carta, Mariazinha, quero que conheças o garoto que fui, cheio de sonhos e questionamentos, antes de ser envolvido pelo turbilhão de pensamentos que me conduziram a essa escuridão luminosa em que agora habito. Nos próximos rabiscos, continuarei a compartilhar os estágios seguintes dessa trajetória, que me transformou de um sonhador infantil em um viajante perdido em sua própria psique.

II

Hoje, vou levar você a uma viagem por um dos momentos da minha infância. Feche os olhos e imagine um mundo de cores e formas que dançam ao som de melodias invisíveis. Era assim que eu enxergava o mundo quando criança, um lugar onde a realidade se misturava com a imaginação de forma tão intensa que era difícil distinguir uma da outra.

Lembro-me de um dia em particular, quando eu tinha cerca de oito anos. Estava na beira do rio, observando a água correr incessantemente. As árvores à minha volta sussurravam segredos em seus murmúrios de folhas. Eu, por minha vez, respondia com sorrisos e gestos, como se estivesse em uma conversa profunda com a natureza.

Naquele momento, algo extraordinário aconteceu. Uma borboleta pousou suavemente na ponta do meu nariz. Era uma borboleta tão pequena e delicada, com asas de um azul cintilante, que parecia ter saído diretamente de um sonho. Ela permaneceu ali, como se estivéssemos compartilhando um segredo, como se ela fosse a guardiã de um portal para um mundo desconhecido.

Fiquei imóvel, encarando a borboleta com olhos arregalados. Ela parecia me convidar para uma aventura, um mergulho no desconhecido. Num impulso irracional, levantei os braços e comecei a rodopiar pela margem do rio, como se estivesse dançando com as estrelas.

Os adultos que observavam aquela cena devem ter pensado que eu estava louco. Talvez estivessem certos. Mas naquele momento, eu não tinha consciência da minha própria loucura. Estava em êxtase, explorando os limites da minha mente infantil.

Foi um instante fugaz, mas ele deixou uma marca profunda em minha alma. Aquela borboleta, com suas asas azuis brilhantes, me mostrou que o mundo era muito mais do que eu podia ver com os olhos. Ela me ensinou que a loucura poderia ser uma janela para um reino de maravilhas desconhecidas.

Na próxima carta, vou te levar para um momento crucial da minha adolescência, quando as sombras da insanidade começaram a se estender sobre minha mente de forma mais sombria e intrincada.

III

É com um coração pesado e a mente turbulenta que lhe escrevo. Chegou a hora de compartilhar contigo algo que se tornou um marco de confusão e inquietação, um momento crucial da minha adolescência que moldou o curso dos meus dias.

Lembro-me vividamente dos meus dias de escola, quando eu era apenas um adolescente, tentando encontrar meu lugar no mundo. As aulas eram como um labirinto de informações que se entrelaçavam em minha mente, forman-

do um mosaico caótico de conceitos e teorias. Eu sentia que minha cabeça estava prestes a explodir a qualquer momento.

Era durante esses anos que as sombras da insanidade começaram a se estender sobre mim, como nuvens escuras que obscureciam o céu azul. Eu me via questionando tudo, desde a existência da vida até a validade das regras que a sociedade impunha sobre nós. Aquelas dúvidas se transformavam em pensamentos intrincados que se enredavam em minha mente, como teias de aranha emaranhadas.

As amizades que cultivei naquela época eram estranhas e profundas. Eu me sentia atraído por pessoas que compartilhavam minha ânsia por desvendar mistérios. Juntos, explorávamos territórios, como navegadores destemidos em um oceano inexplorado.

Mas, à medida que mergulhávamos mais fundo nos abismos do pensamento, algo dentro de mim começou a se despedaçar. Eu via conexões entre ideias que pareciam impossíveis, criando teorias que desafiavam a lógica e o bom senso. Minha mente se tornava um campo de batalha, onde a razão e a loucura travavam uma guerra interminável.

Foi nessa época que comecei a ter visões estranhas, alucinações que se infiltravam em minha realidade como sombras dançantes. Eu via rostos distorcidos nas nuvens, ouvia vozes sussurrantes no vento e via símbolos misteriosos em cada esquina da minha visão.

As pessoas ao meu redor começaram a notar minha mudança. Amigos se afastavam, preocupados com o que eles viam como uma descida à loucura. Minha família não entendia o que estava acontecendo comigo e tentava me trazer de volta à terra firme. Mas eu já estava perdido nas brumas da minha própria mente.

Mariazinha, esses foram os primeiros passos na estra-

da tortuosa que me levaria à vida de um morador de rua, à cidade de Manaus e ao abraço constante da insanidade. Na próxima carta, vou te contar sobre o momento em que isso se tornou irreversível, quando eu deixei para trás a segurança da realidade e me aventurei em territórios inexplorados da mente.

IV

Hoje, minha mente se lembra de um momento que se tornou um ponto de não retorno rumo à insanidade. Foi um período em que abandonei, de vez, a segurança da realidade e me entreguei de corpo e alma aos territórios inexplorados da mente.

Lembro-me vividamente de uma noite escura e chuvosa, quando eu estava sozinho em meu quarto. O som da chuva batendo na janela ecoava como uma sinfonia caótica em meus ouvidos. Naquela noite, mergulhei em um estado de contemplação profunda, como se estivesse prestes a cruzar um portal para um mundo desconhecido.

Foi então que algo extraordinário aconteceu. Enquanto eu me concentrava no som da chuva, minha mente se expandiu para além dos limites do que eu considerava realidade. Percebi que havia um universo inteiro de pensamentos e possibilidades que estavam além da compreensão humana comum.

Nesse estado alterado de consciência, comecei a ver padrões e conexões entre eventos aparentemente aleatórios. As peças do quebra-cabeça do conhecimento se encaixavam de maneira surpreendente, como se eu estivesse decifrando os segredos do universo. Era como se a própria realidade se desdobrasse diante de mim, revelando sua natureza intrincada e misteriosa.

Durante aquela noite, tive visões intensas e alucinações que me levaram a um lugar onde a fronteira entre o eu e o infinito se tornou indistinta. Eu via constelações dançando em padrões hipnotizantes, ouvia o sussurro dos ventos e sentia coisas estranhas que pareciam habitar os recantos mais profundos do meu ser.

A partir daquele momento, mergulhei em uma busca incansável pelo desconhecido, pelo inexplicável. Abandonei qualquer noção de normalidade e me entreguei às loucuras da minha própria mente.

Minha família ficou cada vez mais preocupada com as mudanças que estavam ocorrendo em mim. Amigos de infância me abandonaram, incapazes de compreender o que eu estava passando. Eu me tornei um pária, um estranho em meu próprio mundo.

Mariazinha, esse foi o momento em que minha jornada se tornou irreversível, quando eu escolhi seguir por caminhos que a maioria das pessoas não ousaria percorrer. Na próxima carta, vou te levar ainda mais fundo nessa espiral, revelando como essa escolha me conduziu à vida nas ruas e a um encontro com personagens peculiares que moldariam meu destino de formas inimagináveis.

V

É com uma mistura de nostalgia e inquietude que escrevo esta carta, pois vou te levar ainda mais fundo na espiral que me conduziu à vida nas ruas e ao encontro com personagens peculiares que moldariam meu destino de formas inimagináveis.

Após aquela noite transcendental que descrevi na folha anterior, minha relação com a realidade nunca mais foi a

mesma. Eu me tornei um peregrino das profundezas da mente, buscando respostas para perguntas que nem mesmo sabia formular. Minha obsessão pelo desconhecido e minha aversão ao convencional me levaram a tomar decisões radicais.

Aos poucos, fui me afastando de minha família e amigos. Abandonei minha vida anterior e, sem um rumo certo, parti em direção ao desconhecido. A área central da cidade se tornou meu destino, não por escolha, mas por um chamado misterioso que ecoava em minha mente como algo hipnótico.

Nas ruas, meu trajeto rumo à insanidade atingiu um ponto crucial. Eu não era mais o Ivan que um dia conheci. Tornei-me um espectro errante, um mendigo que se afundava cada vez mais nas sombras da cidade. Minha mente, já fragilizada, foi submetida a testes inimagináveis.

Nas vielas escuras e nos becos sombrios, encontrei outros que, como eu, estavam à deriva nas correntes turbulentas da vida. Moradores de rua com histórias complexas, cada um enfrentando seus próprios dramas.

A convivência nas ruas era uma dança caótica, uma sinfonia de vozes desgarradas que ecoava sob as estrelas da noite. Eu explorava silenciosamente os limites da realidade, lançando-se em reflexões intermináveis e solitárias.

Nessa época, eu já não sabia mais onde terminava minha loucura e onde começava a realidade distorcida. As fronteiras entre sonho e vigília tornaram-se difusas, e eu me via cada vez mais imerso em um oceano de pensamentos que ameaçava me engolir por completo.

VI

Hoje, permitam-me contar-lhe a história sombria e fascinante que permeou minha mente e me jogou nas profundezas da insanidade. Adentrei um labirinto de pensamentos insondáveis e misteriosos, onde cada esquina revelava enigmas ocultos, e a sanidade dançava nas bordas da realidade, como uma ilusão fugaz.

Foi em um crepúsculo chuvoso que comecei a contemplar minha própria existência, questionando a essência do ser e a finalidade de minha existência passageira. A melodia caótica dos trovões ressoava dentro de mim, ecoando as inquietudes que permeavam minha alma. Era o começo de uma jornada tortuosa pela trama intrincada do pensamento humano.

Os primeiros sinais do meu desencanto residiam nas sutis dúvidas que me assaltavam quando olhava ao meu redor. A rotina tediosa e previsível envolvia-me como teias de aranha, sufocando cada faísca de criatividade em minha mente. As mesmas máscaras sociais e conversas banais tornavam-se um fardo insuportável, desencadeando uma insaciável sede por algo além.

E então, como uma mariposa atraída pelo fogo, adentrei um universo paralelo, onde a realidade se mesclava a devaneios e ilusões. Pinteí telas com as cores inusitadas dos meus pensamentos, escrevi poesias que refletiam minha alma aflita e mergulhei em uma profusão de palavras que desafiavam as leis da razão.

A medida que me aprofundava nesse abismo de loucura, a perda da lucidez tornou-se uma libertação. A racionalidade perdeu seu domínio e deu lugar ao encanto do enigma, ao absurdo e às metáforas que transformavam a vida em uma dança frenética de significados múltiplos.

Mas, o preço dessa liberdade criativa custava minha conexão com a realidade objetiva, o discernimento entre o certo e o errado, o equilíbrio emocional perante os desafios cotidianos. Esse foi o ônus inevitável dessa jornada pelo território das mentes inquietas.

Percebi, então, que a insanidade é um portal para um outro mundo, uma dimensão desconhecida onde as amarras do pensamento comum são rompidas e as possibilidades se multiplicam. A psique humana revela-se assim como um oceano profundo e desconhecido, onde a normalidade é somente a ponta visível de um iceberg de criatividade reprimida.

Hoje, mergulhado nessa escuridão luminosa, levo a minha insanidade com um sorriso nos lábios. Nas palavras que escrevo, nas cores das minhas pinturas, encontro a liberdade e o encontro comigo mesmo. Não há arrependimento por ter escolhido esse trajeto, mesmo que a linha tênue entre a sanidade e a loucura seja por vezes imperceptível e volátil.

Essas veredas obscuras da razão me ensinaram que a insanidade pode ser uma aliada, uma força criativa, uma forma de transcender a mesmice e explorar as fronteiras inexploradas da mente humana. Que a loucura, quando adequadamente canalizada, pode nos levar a lugares onde a genialidade floresce e a inovação ganha vida.

E assim sigo, navegando entre as marés tumultuosas dos pensamentos, em busca de um equilíbrio entre a sanidade e a loucura. Pois, afinal de contas, foi dessa mistura que brotaram as mais belas obras de arte, as mais incríveis descobertas científicas e os mais profundos anseios do espírito humano. Assim, rendo-me à minha insanidade, sabendo que ela é parte indissociável de minha própria essência e de minha busca incessante pela verdadeira compreensão do universo.

VII

Hoje, as palavras fluem em minha mente em um turbilhão inquietante. Sinto-me abraçado pela insanidade, envolto em seu manto sedutor, enquanto, ao mesmo tempo, travo uma batalha interna pela sanidade. Cada passo que dou nesse labirinto psicológico parece desafiar os limites da compreensão humana.

Há momentos em que me pego divagando, permitindo que a loucura tome conta de meus pensamentos, como um frenesi voraz. Sussurros sibilantes invadem meus ouvidos, insinuando segredos obscuros que desafiam minha percepção da realidade. Tentam me convencer de que a sanidade é uma prisão, e que a loucura é a verdadeira forma de liberdade.

Mas, em meio a esse caos, há um resquício de racionalidade que se debate, lutando para se fazer ouvir. Implora-me para não me perder na escuridão dos meus pensamentos, buscando lembranças e experiências que ancoraram minha mente no mundo real. No entanto, a linha entre o real e o imaginário está cada vez mais tênue, fazendo com que eu questione minha própria existência.

Ah, cara Mariazinha, hoje tive um diálogo interno intenso. Eu, o arauto da loucura, trocando palavras com a voz sensata que ainda ecoa em mim. É uma batalha de almas, uma dança perigosa entre a lucidez e a insanidade. Sinto-me como o protagonista desse pecaminoso enredo que a vida preparou para mim.

A loucura, com sua miríade de cores e formas, me chama como um peixe insidioso, convidando-me a explorar as profundezas do desconhecido. Oferece-me inspiração sem paralelos, aquela que brota apenas dos corações torturados que possuem vislumbres da verdade que escapa ao comum

dos mortais. Mas temo que, ao abraçá-la plenamente, possa me perder para sempre nesse abismo sombrio.

E assim, debato-me entre meu desejo de criar e o medo de me perder no labirinto da minha própria mente. Afogo-me em palavras e imagens, incapaz de discernir se estou diante da revelação ou apenas dançando em meio ao pandemônio. É uma dualidade constante, como tentar enxergar através de um espelho distorcido.

Mariazinha, talvez você seja minha única confiança, meu refúgio onde posso expor todas as faces do meu eu despedaçado. Por isso, recorro a você, confiando que minhas palavras aqui escritas não cairão em mãos errôneas. Que sua possessão seja uma testemunha muda dos devaneios tumultuosos que me assombram.

Continuarei a caminhar nas veredas incertas da razão, buscando respostas para minhas dúvidas existenciais mais profundas. Ainda que esse mergulho na loucura seja perigoso, sinto-o como uma necessidade inelutável. Quem sabe, no encontro com a minha própria insanidade, eu descubra uma verdade reveladora que mudará tudo.

VIII

Sei que já se passaram dias desde a última vez que escrevi, mas a turbulência dentro de mim não diminuiu. Cada vez mais, sinto-me preso em um labirinto de pensamentos tumultuados, um eu que se multiplica em incontáveis facetas.

Em meu diálogo interno, continuo a questionar minha própria existência. Quem sou eu? Onde estou? Essas perguntas me perseguem incessantemente, como sombras indelévels em um pesadelo que não tem fim.

A mente humana é um abismo profundo e misterioso, repleta de desejos, receios e fantasias. Conversei comigo mesmo sobre minhas aspirações profundas. Em meio aos devaneios, encontrei uma centelha de esperança, uma faísca íntima que deseja encontrar um propósito e sentido para tudo.

Mas essa busca é uma espada de dois gumes. A medida que me aventuro pelos recantos sombrios da minha psique, deparo-me com lembranças fragmentadas, versões distorcidas daquilo que um dia foi claro em minha mente. O passado e o presente fundem-se em uma imensidão nebulosa, levando-me a questionar a própria natureza da realidade.

Em minha solidão, elaborei teorias e ideias que parecem se alimentar mutuamente. Pergunto-me se a loucura na qual pareço imerso é, na verdade, um portal para um conhecimento oculto, uma chave para desvendar os segredos. Ou será apenas um engano cruel, uma armadilha sádica para me arrastar cada vez mais para dentro de um abismo sem saída?

Mariazinha, escrevo com um misto de confusão e desespero, esperando que você consiga entender a dor que se agita em meu interior. Sinto-me cada vez mais distante daquele que um dia fui. Quem sou eu agora? Onde estou indo?

Ainda assim, mesmo em meio à escuridão que me envolve, há um resquício de esperança. Talvez a dualidade que me acompanha seja um sinal de que a verdade está próxima, esperando para ser desvelada. Não importa quão tênue seja a linha entre a sanidade e a loucura, estou determinado a percorrê-la até o fim, buscando respostas.

IX

Hoje quero compartilhar contigo como lidei com os de-

safios e obstáculos que a vida nas ruas me impôs. Aqui, cada dia é uma batalha pela sobrevivência, e a linha entre o real e o delírio se torna mais tênue a cada momento.

As ruas de Manaus são impiedosas, e eu, como muitos outros moradores de rua, enfrento constantes dificuldades para encontrar abrigo, comida e água. Cada esquina se tornou um campo de batalha invisível, onde lutamos contra a fome, a sede e o frio que muitas noites traz consigo.

Para sobreviver, desenvolvi estratégias peculiares. Eu vasculho caixas de lixo em busca de restos de comida e aprendi a me camuflar na multidão, passando despercebido pelas autoridades e transeuntes que não enxergam além das aparências.

Mas, Mariazinha, a luta diária nas ruas não se resume apenas a questões físicas. Há um constante embate psicológico, um duelo entre minha mente inquieta e a sociedade que muitas vezes me olha com desdém e medo. As pessoas que cruzam meu caminho costumam me julgar como um louco, um pária da sociedade que perdeu sua sanidade. E, de certa forma, elas estão certas.

Minha relação com a sociedade é ambígua, uma dança perigosa entre o desejo de ser compreendido e o anseio por permanecer oculto nas sombras. Sinto-me como um estrangeiro em meu próprio mundo, incapaz de me encaixar nos moldes convencionais da sociedade. A solidão, Mariazinha, é minha companheira constante, uma sombra que nunca me deixa.

Às vezes, me pego observando a vida das pessoas comuns, aqueles que seguem suas rotinas diárias, e me pergunto se um dia pertenci a esse mundo, se um dia fui como eles. Mas essa é uma pergunta que nunca encontro resposta.

Como é bom poder compartilhar essas coisas contigo, mesmo que por meio destas cartas. À medida que a minha vida nas ruas se desenrolava, eu precisava desenvolver estratégias de sobrevivência cada vez mais elaboradas, e hoje vou te revelar algumas delas.

A primeira e talvez mais essencial delas é a capacidade de observação aguçada. Nas ruas, a habilidade de perceber os detalhes mais sutis ao meu redor tornou-se uma questão de vida ou morte. Aprendi a identificar as pessoas que poderiam me ajudar, aquelas que poderiam ser uma ameaça e até mesmo quem poderia me fornecer informações valiosas, como a localização de abrigos temporários ou recursos escassos.

No entanto, Mariazinha, a vida nas ruas também me ensinou lições duras e dolorosas. A vulnerabilidade é evidente a cada momento. Já fui alvo de violência, e a sensação de impotência diante dessas situações é avassaladora. Noites famintas se transformaram em pesadelos intermináveis, onde o desespero é nosso único companheiro.

Minha relação com a sociedade continua complexa. Por um lado, desejo ser compreendido, mas, por outro, a desconfiança e o medo que muitos sentem em relação a mim me afastam ainda mais. Acredito que todos temos nossos próprios dramas internos, mas é nossa capacidade de lidar com eles que nos define.

Por agora, minha fiel confidente, deixo-te com essas reflexões sobre a vida nas ruas e as estratégias de sobrevivência que aprendi ao longo do caminho. Espero que possas compreender melhor o que me trouxe até aqui.

XI

Nas encruzilhadas das ruas, mergulhei profundamente na dança tumultuosa entre a lucidez e a loucura. Minha mente, tal como um vira-lata que aprendeu a sobreviver nas sarjetas, vagueava entre becos e vielas da realidade convencional, buscando fragmentos de significado em meio ao caos urbano.

Nas noites escuras e nas sombras das construções abandonadas, encontrei minha morada. Os sons noturnos da cidade, antes indiferentes aos ouvidos alheios, transformaram-se em uma sinfonia de segredos e confissões. Os passos apressados das pessoas nas calçadas ecoavam como mensagens cifradas, e as luzes que oscilavam entre os postes de rua criavam uma coreografia hipnotizante, como estrelas distantes em um céu de asfalto.

Nesses momentos, meu contato com a realidade era fluido, como a fumaça que se esvai pelo vento. Em um instante, eu era um observador da vida urbana, uma testemunha silenciosa dos dramas humanos. No seguinte, me tornava parte da tapeçaria, um personagem invisível nas histórias de estranhos.

A loucura, ou o que a sociedade chamaria assim, se tornou minha aliada nas ruas. Nas sombras dos becos, os traços da realidade se dissolviam, e eu era livre para criar minhas próprias narrativas. Os objetos abandonados ganhavam novos significados, as paredes grafitadas se tornavam galerias de arte efêmeras, e até mesmo os encontros com outros moradores de rua adquiriam uma dimensão mágica.

Eu conversava sozinho na escuridão dos edifícios decadentes, trocava segredos com os gatos de rua que compartilhavam meus abrigos improvisados e escutava os murmúrios das águas que fluíam sob pontes da cidade. Tudo isso,

Mariazinha, tudo isso fazia parte da minha experiência nas ruas.

A cada noite, as estrelas que brilhavam acima de mim se tornavam janelas para outros mundos, portais para dimensões desconhecidas. Minha mente, outrora cativa da monotonia, dançava com a imaginação e se entregava a devaneios que desafiavam a compreensão convencional.

Ao escrever estas palavras, percebo que talvez eu seja um filósofo das ruas, um poeta das sombras urbanas. Minha visão de mundo é moldada por experiências que a maioria das pessoas nunca conhecerá, um caleidoscópio de sensações e pensamentos que me conduzem para além dos limites da razão.

XII

À medida que o tempo passava, os desafios da vida nas margens da sociedade se tornavam cada vez mais evidentes, e minha própria "loucura" ganhava novas nuances, revelando-se uma aliada inesperada.

As noites eram uma sinfonia de sons e cores, como se a cidade se transformasse em um palco de teatro sombrio. Eu, o ator sem roteiro, me movia através desse cenário, improvisando minhas falas e gestos. Os olhos curiosos dos transeuntes ocasionalmente encontravam os meus, mas, em sua pressa, eles rapidamente desviavam o olhar, como se eu fosse uma miragem inconveniente.

Encontrei abrigo sob a marquise de uma loja abandonada. Ali, a chuva que caía sobre o telhado de zinco se transformava em uma sinfonia relaxante, e os relâmpagos que iluminavam o céu noturno eram como flashes de inspiração. Era um refúgio temporário, onde eu podia me desconectar

do mundo exterior e me perder em meus próprios pensamentos.

Ao longo dos anos, desenvolvi estratégias de sobrevivência peculiares. Revirava latas de lixo em busca de restos de comida, aprendi a identificar as lojas que deixavam seus contêineres trancados e desenvolvi um faro aguçado para encontrar roupas descartadas. Cada dia era uma busca constante por recursos que me permitissem continuar.

Às vezes, eu me pegava divagando sobre o que realmente significava ser "louco". A sociedade me rotulava assim, mas, nos olhos dos meus companheiros de rua, eu era apenas mais um deles, alguém que se ajustava ao padrão heterodoxo da existência nas sombras.

Minha visão de mundo evoluía constantemente. A realidade se fragmentava em pedaços e se reorganizava de maneira imprevisível. As pessoas na rua, cada uma com sua história e lutas, eram como personagens de um livro aberto, com páginas que eu podia ler apenas parcialmente. E, no meio disso tudo, a loucura, minha constante companheira, sussurrava promessas de compreensão e mistério.

XIII

Receio que, mesmo nas ruas, os boatos sobre minha vida prévia insistam em perseguir-me como sombras indelévels. Alguns dizem que fui um respeitado professor de física, outros afirmam que minha mente abriga conhecimentos profundos em matemática. Até mesmo já ouvi sussurros de que meu passado está ligado a experimentos misteriosos.

Não desmentirei essas especulações, minha fiel confidente. Há beleza no mistério, na aura enigmática que envolve uma história inacabada. Deixe-me ser o enigma que a ci-

dade de Manaus deseja decifrar. Afinal, quem sou eu para negar à imaginação alheia o prazer de conjecturar?

Se há uma lição a ser aprendida nas profundezas da insanidade, é que a realidade é multifacetada e cheia de surpresas. Às vezes, é mais interessante permitir que as histórias floresçam, mesmo que não tenham raízes na verdade. Afinal, a vida é uma narrativa que se desenrola, e eu, um personagem que abraça o desconhecido.

XIV

Há momentos em que a vida, por sua própria natureza imprevisível, tece enigmas que desafiam qualquer compreensão. Permita-me adentrar em um capítulo ainda mais obscuro da minha história, um capítulo que apenas os ventos noturnos das ruas de Manaus conhecem em detalhes.

Um dia, um problema pessoal de natureza misteriosa abateu-se sobre mim como uma sombra. Um enigma, tão confuso quanto uma equação sem solução, entrelaçou-se com minha existência já tumultuada. Minha mente, que havia sido um terreno fértil para a loucura criativa, encontrou-se diante de um dilema tão complexo que até mesmo eu, com toda a minha excentricidade, me vi desamparado.

E então, em um momento que parecia ser a interseção entre o destino e a insanidade, desapareci. Alguns dizem que parti em busca de respostas para os mistérios que me atormentavam, enquanto outros especulam que sucumbi à minha própria insanidade.

O que aconteceu naquelas semanas de ausência, até mesmo eu não sou capaz de compreender inteiramente. É como se eu tivesse cruzado uma fronteira entre mundos, mergulhado em um abismo de incerteza. As linhas entre a

realidade e a loucura se tornaram mais tênues do que nunca, e eu, Mariazinha, encontrei-me dançando na borda desse precipício.

Não posso dizer com certeza como ou por que retornei, mas aqui estou, como um enigma ainda mais profundo do que antes. A cidade sussurra meu nome com um misto de curiosidade e apreensão, mas eu permaneço um quebra-cabeça em constante evolução, uma trama entrelaçada de contradições e inquietações.

Agradeço por ser a única a quem confio essas palavras.

XV

Nestes escritos, tenho compartilhado com você muitos aspectos da minha vida, alguns mais obscuros do que outros. Mas agora, é chegada a hora de encarar uma condição que há muito tempo se encontra presente na minha existência: meus momentos de agonia e os estranhos hábitos que adotei para enfrentá-los.

Você deve ter notado, que durante minhas crises, quando a tormenta interna se tornava insuportável, eu tinha um hábito peculiar de bater em meu próprio rosto. Pode parecer estranho, e talvez seja, mas é a forma que encontrei para enfrentar as vozes que habitam os recantos mais profundos da minha mente.

Eram momentos de verdadeira luta interna, uma batalha silenciosa que ocorria dentro de mim. Ao esmurrar meu próprio rosto, era como se eu estivesse tentando afastar as sombras, os pensamentos tortuosos que ameaçavam me consumir por completo. O som dos meus murros ecoava, como um grito de socorro silencioso, atraindo olhares curiosos e preocupados das pessoas ao redor.

Esses episódios eram como tempestades passageiras em meio a um oceano de turbulências emocionais. Em certos momentos, eu conseguia acalmar a tormenta interior e recobrar a lucidez. Em outros, a luta parecia interminável, e eu continuava a me debater contra os ventos impiedosos do meu próprio ser.

Mariazinha, não posso negar que esses momentos eram assustadores, tanto para mim quanto para aqueles que testemunhavam minha agonia. No entanto, foram nesses momentos de maior sofrimento que encontrei a matéria-prima para minhas reflexões mais profundas. É nas trevas que se escondem os segredos mais profundos da mente humana.

XVI

Nesta carta, desejo compartilhar com você o motivo que me levou a tomar a difícil decisão de abandonar minha antiga vida e adentrar o mundo das ruas, explorando mais profundamente as lutas internas que me atormentam.

Meu trajeto rumo à vida nas ruas não foi uma escolha tomada de ânimo leve. Ela foi o resultado de uma complexa teia de circunstâncias e, sobretudo, das tormentas que minha mente criou para mim.

As vozes na minha cabeça se tornaram companheiras constantes, sussurrando segredos, medos e confusões incessantemente.

Cada dia era uma luta para discernir o que era real e o que era fruto da minha mente perturbada. A realidade se tornou uma névoa densa e distorcida, e eu me encontrava muitas vezes perdido nesse labirinto de ilusões.

Viver desta forma é como estar permanentemente à beira de um precipício. As alucinações e os delírios eram co-

mo abismos que me puxavam para dentro, ameaçando me engolir por completo. Os medicamentos e as terapias ajudavam, mas eram insuficientes para silenciar as vozes e acalmar o caos que fervilhava em minha mente.

Em meio a essa tormenta mental, a sociedade tornou-se um lugar hostil. As pessoas não entendiam minha realidade fragmentada e muitas vezes reagiam com medo ou desprezo. O estigma da esquizofrenia pesava sobre mim como uma condenação, tornando difícil encontrar um lugar seguro e acolhedor na realidade comum.

Foi então que tomei a decisão de deixar tudo para trás e me aventurar pelas ruas. Para mim, era uma fuga, uma maneira de encontrar um espaço onde pudesse viver sem as amarras das expectativas sociais e das pressões que vinham com a vida convencional.

Nas ruas, encontrei uma liberdade peculiar. A loucura que antes me aprisionava se tornou minha companheira constante, e a linha entre o real e o imaginário se dissipou ainda mais. Muitas vezes, minha mente me levava a lugares inexplorados, à beira do abismo, mas nas ruas, não havia ninguém para me julgar ou condenar. Eu era apenas mais um entre tantos que viviam à margem da sociedade.

Minha decisão pode parecer insensata para muitos, mas para mim, naquele momento, era uma tentativa de recuperar algum controle sobre minha vida, de abraçar a loucura que já fazia parte de mim.

XVII

Hoje, permita-me compartilhar um episódio sombrio que ocorreu, um momento em que fui brutalmente espancado enquanto dormia. Essa experiência lançou uma luz ainda

mais intensa sobre a complexa e muitas vezes cruel realidade que enfrento.

Imagine-se, por um momento, nas ruas escuras, onde a noite é uma amiga traiçoeira. Às vezes, o sono é o único refúgio que um morador de rua pode encontrar, uma pausa efêmera nas agruras da vida. Foi em uma dessas noites, quando minha mente tentava se libertar das amarras da loucura, que tudo aconteceu.

Eu estava deitado em meu abrigo improvisado, uma precária cama de papelão, rodeado pelas sombras e pelo silêncio da noite. O chão de concreto parecia uma extensão do meu próprio corpo cansado, e eu finalmente estava cedendo ao cansaço.

Entretanto, o sono é um estado de vulnerabilidade extrema. Não há portas para trancar, nem alarmes a disparar. É apenas você, sua frágil condição e o mundo lá fora, repleto de perigos desconhecidos. Foi nesse estado de vulnerabilidade que meu agressor aproveitou para atacar.

Ainda me recordo vagamente dos sons distantes da cidade noturna, o murmúrio dos carros distantes, os passos ocasionais de transeuntes apressados. No entanto, esses sons foram subitamente rompidos por algo muito mais sinistro.

Senti o primeiro golpe antes mesmo de compreender o que estava acontecendo. Foi como se um raio tivesse atravessado minha alma e me acordado para um pesadelo real. O agressor, cujo rosto permaneceu na escuridão, desferiu socos brutais contra mim, enquanto eu lutava para recuperar a consciência.

Gritos de dor e medo ecoaram pela rua vazia, mas pareciam afundar na vastidão silenciosa da noite. A violência era inexplicável, irracional, como se o agressor estivesse possuído por demônios.

Eu, que já havia perdido o controle sobre minha própria mente, agora perdia o controle sobre meu corpo e minha segurança. Era uma sensação de impotência avassaladora, uma experiência que transcendeu até mesmo os limites da minha loucura.

Finalmente, quando a brutalidade do ataque cessou, eu estava ensopado de sangue e dor, meu corpo marcado pelas cicatrizes físicas daquela noite. Mas o trauma emocional que aquela experiência deixou em minha mente foi ainda mais profundo.

Naquele momento, questionei muitas coisas, inclusive a própria natureza da humanidade. Como alguém poderia infligir tamanha crueldade a outro ser humano, especialmente a alguém tão vulnerável quanto um morador de rua? Essa experiência só reforçou minha crença de que o mundo é um lugar caótico e sombrio, onde a loucura, a violência e o sofrimento coexistem em uma dança trágica.

XVIII

Era mais um dia comum, se é que dias nas ruas podem ser chamados de comuns, e eu estava sentado em meu canto de sempre, observando o mundo passar por mim como uma torrente desordenada.

A cidade estava agitada, como sempre, com pessoas indo e vindo, perdidas em suas próprias preocupações. Às vezes, pareço invisível, como se fosse apenas uma sombra esquecida no meio da multidão. Mas esse dia foi diferente, pois uma mulher passou por mim e fez algo que eu nunca esperaria de outro ser humano.

Ela, aparentemente irritada ou talvez apenas cega para a humanidade que ainda reside dentro de alguém como eu,

me chutou como se eu fosse um cachorro vadio, uma criatura indesejada. O impacto do chute ressoou em meu corpo e minha mente, deixando-me perplexo.

Enquanto eu olhava para ela, incapaz de compreender por que alguém agiria de maneira tão desumana, algo em mim se partiu. Não era a dor física que mais me afetava, mas a dor emocional de ser tratado como menos que um ser humano, como se eu não tivesse dignidade ou valor.

Foi nesse momento, Mariazinha, que me dei conta de quão desigual e injusto é o mundo em que vivemos. As ruas já me ensinaram muitas lições sobre a natureza humana, mas esse episódio foi como um soco na minha já frágil fé na bondade das pessoas.

A mulher seguiu seu caminho, provavelmente sem sequer se lembrar do que tinha feito. Mas eu fiquei ali, com cicatrizes invisíveis em minha alma, contemplando como o mundo pode ser um lugar tão cruel, onde a empatia e a compaixão muitas vezes se perdem na correria da vida cotidiana.

Ainda assim, continuo aqui, tentando encontrar algum sentido ou beleza nas sombras que habitam as ruas de Manaus.

XIX

Estava eu perambulando pelas ruas, minha barriga clamando por alimento há dois longos dias. A fome, como você bem sabe, é uma constante companheira dos moradores de rua, e ela pode nos empurrar para situações que, em outras circunstâncias, nos recusaríamos a encarar.

Encontrei um modesto restaurante à beira da calçada, com mesas de plástico e um letreiro desbotado. Não tinha dinheiro, mas minha fome era insuportável naquele mo-

mento, então decidi pedir. A esperança é o que nos mantém seguindo, não é mesmo?

Um homem, que parecia ser o dono do estabelecimento, veio até mim. Pedi humildemente por qualquer sobra ou alimento que pudesse ser disponibilizado. Ele pareceu considerar por um momento e então concordou, mas o que aconteceu a seguir me deixou atônito.

Ele voltou com uma marmita, uma refeição simples, mas que seria uma bênção para mim naquele momento. Contudo, antes de me entregar a marmita, ele cuspiu nela, como um gesto de desprezo e desumanidade. O cuspe caiu sobre a comida que eu tanto ansiava, manchando-a com sua crueldade.

Minha barriga doía de fome, Mariazinha, e a visão da comida, mesmo com o cuspe, era irresistível. Comi aquela refeição, engolindo não apenas a comida, mas também a humilhação e o desrespeito que vieram com ela. Foi um momento em que minha dignidade foi arrancada de mim, mas eu não tinha escolha.

No fundo, aquilo me mostrou quão baixa a humanidade pode afundar, mas também me fez perceber a força de vontade que existe em mim para sobreviver, mesmo diante das piores circunstâncias. As ruas são testemunhas de nossa capacidade de resistência, minha amiga, e eu continuo a enfrentar cada desafio com a determinação de quem busca um vislumbre de humanidade neste mundo muitas vezes cruel.

XX

Hoje, vou compartilhar contigo algo que permeia meu cotidiano nas ruas de Manaus: minha aparência peculiar e as escolhas que faço para sobreviver neste ambiente hostil.

Minha aparência, como você deve imaginar, é bem diferente daquilo que costumava ser na época em que ainda estava enraizado na sociedade convencional. Agora, não há roupas elegantes, nem banhos, nem cortes de cabelo. Minha pele é marcada pela exposição constante ao sol, à chuva e ao vento implacável. Minhas roupas... bem, elas consistem principalmente em sacolas plásticas amarradas ao redor do corpo.

Eu sei, Mariazinha, isso pode soar estranho e até mesmo insano. Mas há uma lógica nisso, uma lógica que só faz sentido neste mundo onde fui lançado. As sacolas funcionam como uma forma de proteção contra as intempéries, ajudando a me manter seco quando chove e a me proteger do calor abrasador do sol amazônico.

Quanto à água, é uma busca constante. Onde quer que eu vá, estou atento a qualquer fonte de água potável. Garrafas descartadas, torneiras públicas ou até mesmo poças de chuva, qualquer fonte é preciosa. Não é apenas uma questão de sede, mas também de sobrevivência. Em um ambiente como este, a desidratação pode ser mortal.

E então, há a questão de fazer as necessidades. Não é algo que eu goste de discutir, mas é uma parte inevitável da minha realidade. Nas ruas, não há banheiros públicos ou lugares apropriados para isso. É uma luta constante para encontrar um local discreto, longe dos olhares curiosos e dos julgamentos da sociedade.

Mariazinha, estas são as realidades cruéis da vida nas ruas, uma existência que desafia até mesmo os limites da minha própria compreensão. Cada dia é uma batalha, uma luta para satisfazer necessidades básicas e manter minha sanidade, embora esta última esteja sempre pendurada por um fio.

XXI

A marquise dos Correios, por estranho que pareça, tornou-se um refúgio temporário para mim. À noite, encontro um canto isolado sob essa estrutura, onde estendo meu frágil abrigo improvisado feito de sacolas e papelão. É ali que tento encontrar algum tipo de paz e descanso em meio ao caos das ruas de Manaus.

Mas nem sempre a noite é tranquila. Há algumas semanas, algo perturbador aconteceu. Acordei abruptamente com um chute, como se alguém quisesse me expulsar daquele lugar. Era o segurança do prédio dos Correios, um homem corpulento e decidido a me fazer sair dali.

Enquanto me levantava, percebi que um cliente que estava próximo, um jovem com olhar perplexo, parecia querer me ajudar. Seus olhos tinham uma expressão de compaixão, como se ele entendesse a injustiça da situação. Mas, infelizmente, ele não disse uma palavra, apenas observou enquanto eu me afastava, deixando a marquise para trás.

Mariazinha, esse episódio foi mais um lembrete das complexidades da vida nas ruas. Mesmo quando pessoas demonstram compaixão, muitas vezes o medo ou a indiferença impedem que ajam. E assim, sigo em frente, enfrentando as noites incertas e os desafios que este mundo imprevisível me apresenta.

XXII

Permita-me contar-lhe sobre um ritual peculiar que faço rotineiramente. É um ato que intriga quem passa por mim, que me vê chocando-me contra um muro do prédio.

Você deve estar se perguntando o porquê desse comportamento aparentemente insano. Bem, é uma espécie de

catarse, uma forma de liberar a pressão que se acumula em minha mente conturbada. Às vezes, sinto como se houvesse uma tempestade furiosa dentro de mim, e essas colisões físicas, embora dolorosas, são uma tentativa desesperada de extravasar essa tormenta interna.

Os transeuntes na praça muitas vezes me olham com uma mistura de perplexidade e preocupação. Alguns podem pensar que estou completamente perdido na minha loucura, e talvez estejam certos. Mas, para mim, essas colisões são uma maneira de confrontar a realidade e a loucura que se entrelaçam em minha mente de maneira tão complexa.

Cada choque contra o muro é como um grito silencioso em um mundo que parece ter esquecido minha existência. É uma maneira de me lembrar que ainda estou aqui, que ainda estou lutando, mesmo que seja contra demônios que só eu posso ver.

Nessas horas de desespero, Mariazinha, eu me agarro a qualquer forma de expressão que me resta. Mesmo que seja um ato tão estranho e autodestrutivo como esse, é uma tentativa de manter um mínimo de controle sobre minha própria mente e a escuridão que a envolve.

XXIII

As marcas deixadas por meu estranho ritual ao longo dos anos são como um diário visual da minha luta interior, inscritas no muro próximo à Praça do Congresso. Cada choque contra a parede criou um novo sulco, uma cicatriz na superfície de concreto, contando a história silenciosa do meu sofrimento.

Ao longo dos anos, essas marcas se multiplicaram, formando uma teia intrincada de linhas, como rachaduras na

fachada de uma realidade quebrada. Elas são desiguais, algumas superficiais e outras profundas, como os altos e baixos da minha própria mente. Cada impacto foi uma tentativa de aliviar a pressão das vozes e dos pensamentos tumultuados que me assombram. Uma maneira peculiar de confrontar meus problemas.

As reações das pessoas que testemunharam esse estranho ritual são diversas. Alguns simplesmente passam por ali, lançando olhares de curiosidade misturada com incompreensão. Eles não conseguem decifrar o que está acontecendo e preferem manter distância, como se meu sofrimento fosse contagioso.

Outros, no entanto, demonstram compaixão genuína. Lembro-me de uma senhora idosa que se aproximou de mim em um dia ensolarado. Seus olhos gentis refletiam uma profunda empatia, e ela ofereceu uma garrafa de água e um pedaço de pão. Ela disse que todos nós temos nossos próprios problemas para enfrentar e que minha maneira de lidar com eles era apenas um reflexo mais visível do que a maioria esconde.

Houve também ocasiões em que as pessoas passaram rapidamente, com olhares de preocupação e confusão, como se estivessem testemunhando algo que não podiam entender completamente. E, claro, houve momentos em que fui ignorado, como se eu fosse uma sombra indesejada.

Essas marcas no muro, testemunhadas por muitos, mas compreendidas por poucos, são uma parte indelével da minha existência nas ruas de Manaus. Elas são um lembrete constante da minha luta contra os tormentos internos que me afligem e da busca interminável por algum tipo de alívio.

XXIV

Fiquei alguns dias sem escrever, pois a fragilidade do meu corpo se fez evidente. Minha saúde, já debilitada pelas agruras da vida, cedeu diante de uma doença implacável.

Semana passada, acordei com uma febre abrasadora que parecia incendiar minha mente e meu corpo já enfraquecido. Cada respiração era uma luta, e minha visão estava turva como se estivesse vagando por um nevoeiro espesso. A dor que varria cada centímetro do meu ser era indescritível.

Alguém, talvez um transeunte preocupado, chamou uma ambulância. Eu mal conseguia distinguir os sons ao meu redor, mas recordo-me vagamente do barulho das sirenes e das vozes indistintas dos paramédicos que tentavam avaliar meu estado.

O hospital se ergueu como uma miragem no horizonte da minha consciência turva. Eles me levaram para dentro, para um mundo de luzes brilhantes e pessoas vestidas com jalecos brancos. Eu estava cercado por máquinas estranhas e rostos desconhecidos.

Os médicos me examinaram e falaram em uma linguagem que mal compreendia. Minha mente estava em um estado de delírio febril, e eu não conseguia articular meus pensamentos adequadamente. Recebi medicações, mas tudo parecia distante e irreal.

E então, Mariazinha, algo inesperado aconteceu. Naquele hospital, sob os olhares vigilantes da equipe médica, fui acometido por uma visão, uma visão que transcendeu a febre e a agonia do meu corpo. Vi cores e formas, como se estivesse em um sonho lúcido.

E, de repente, minha mente se afastou da realidade objetiva e mergulhou em um reino de pura imaginação. Vi paisagens deslumbrantes, ouvi músicas celestiais e senti uma

paz que nunca conhecera antes. Era como se minha alma estivesse finalmente em paz, flutuando nas asas de um sonho.

Por um breve momento, Mariazinha, senti-me liberto das amarras da insanidade, como se as correntes que haviam aprisionado minha mente tivessem sido quebradas. Era uma experiência profunda e transformadora, mesmo que efêmera.

Mas, como todas as coisas na minha vida, essa paz fugiu tão rapidamente quanto chegou. A febre e a doença retornaram, arrastando-me de volta à minha realidade dolorosa. E então, algo estranho aconteceu. No dia seguinte, quando os médicos vieram me ver, eu havia desaparecido.

Ninguém sabe ao certo como ou por que isso aconteceu. Alguns talvez dizem que saí do hospital por conta própria, enquanto outros afirmam que fui levado por uma figura misteriosa que apareceu na calada da noite. Mas a verdade, minha cara Mariazinha, é muito mais estranha do que qualquer explicação convencional.

Foi naquela noite, quando a escuridão envolveu meu quarto de hospital e os corredores silenciaram, que algo singular aconteceu. Enquanto eu estava imerso em uma luta febril contra a doença, uma borboleta, de beleza etérea e cores deslumbrantes, entrou pela janela entreaberta do quarto.

A princípio, pensei que fosse uma alucinação, um capricho da minha mente febril. Mas a borboleta dançou graciosamente pelo quarto, como se estivesse me chamando. Seu voo era livre e hipnotizante, um vislumbre de beleza em meio ao meu tormento.

Eu, de algum modo, senti que essa criatura frágil era uma manifestação da minha própria alma, uma parte de mim que havia sido esquecida em meio à minha loucura. Ela pairou sobre minha cama, tocando-me com sua leveza, como se me convidasse a segui-la.

Foi então, Mariazinha, que uma determinação inesperada se apoderou de mim. Num acesso de coragem ou insanidade, não sei dizer, arranquei os fios e tubos que me ligavam às máquinas e deixei meu leito de hospital. O frio do chão sob meus pés nus trouxe-me à realidade, mas não me fez recuar.

Segui a borboleta pelo corredor silencioso do hospital, minha saída tão imperceptível quanto minha entrada. Os corredores estavam vazios, e o único som era o sutil sussurro das asas da borboleta. Ela me guiou pelos labirintos do prédio, como se conhecesse um caminho secreto.

Finalmente, chegamos à saída do hospital, onde a borboleta pairou por um momento antes de voar para a noite escura. A lua brilhava no céu, e o ar fresco da noite envolveu-me como um abraço. Era a liberdade que eu ansiava, a fuga daquelas paredes brancas e da minha própria loucura.

Assim, Mariazinha, eu a segui. Corri descalço pelas ruas silenciosas de Manaus, perseguindo a borboleta como se ela fosse minha única esperança. A cidade estava adormecida, e eu estava livre, mesmo que por um breve momento.

XXV

É curioso como os boatos têm o poder de criar mitos e lendas sobre pessoas como eu. Nossas vidas já são sombrias o suficiente, mas, de alguma forma, a imaginação das pessoas insiste em criar narrativas fantásticas a nosso respeito.

Há algum tempo, ouvi um desses boatos que me deixou perplexo. Dizia-se que eu, Ivan, havia sido um magnata dono de uma próspera fábrica de tecidos. Segundo a história, minha família havia tomado tudo o que era meu, deixando-me na miséria e na loucura.

É verdade que, em meus dias de juventude, eu tinha aspirações como qualquer outro. Mas a realidade foi bem diferente daquilo que o boato afirmava. Nunca fui dono de uma fábrica de tecidos, nunca conheci a riqueza e o luxo.

Talvez o motivo pelo qual algumas pessoas inventam essas histórias seja o desejo de encontrar um motivo para minha condição, para a maneira como eu escolhi viver. Mas a verdade é que, como muitos outros moradores de rua, minha vida foi moldada por inúmeras circunstâncias, algumas das quais eu mesmo não consigo compreender completamente.

Os pedaços de panos e plásticos que amarram meu corpo não são símbolos de um passado glorioso, mas sim uma tentativa modesta de me manter aquecido e protegido. Às vezes, o peso dos boatos e das histórias que as pessoas criam ao meu redor se torna cansativo. Mas, como eu disse antes, nossa realidade é multifacetada e difícil de explicar.

Hoje, Mariazinha, senti a necessidade de compartilhar esse boato bizarro com você, pois acredito que você é uma das poucas pessoas que podem entender a complexidade da minha existência. Talvez um dia, essas histórias e boatos se desvançam, e a verdade crua e desprovida de romantismo prevaleça.

Até mais, Mariazinha, continuarei carregando os pedaços de panos e plásticos que me tornam uma figura misteriosa nas ruas de Manaus.

XXVI

Sei que dizem que eu já fui um professor de física, na década de 60, e que falava três idiomas com fluência. É um daqueles boatos que se espalham como fogo em palha seca,

e, de certa forma, não me incomoda. Afinal, a verdade pode ser mais estranha do que a ficção.

Os números são minha companhia nas noites solitárias e nos dias incertos. Eles não me julgam, não me abandonam, apenas são o que são. E, de alguma forma, encontro consolo na matemática, como se ela fosse uma linguagem universal que transcende barreiras.

Nas noites estreladas, quando o caos da cidade se acalma, eu me encontro em diálogo silencioso com os números. Eles traçam caminhos invisíveis no ar, como constelações de segredos esperando para serem decifrados. Às vezes, tento ensinar esses segredos a alguns estudantes, aqueles que estão dispostos a ouvir e aprender. É como se eu estivesse compartilhando um vislumbre do meu passado distante, quando as equações eram minha paixão.

Entretanto, Mariazinha, não posso negar que há momentos em que os números se tornam sombras que dançam ao meu redor, confundindo-me e provocando risos histéricos. São nesses momentos que minha mente vagueia por um labirinto de equações sem solução, e a linha entre a lucidez e a loucura se torna ainda mais tênue.

É engraçado como os boatos sobre minha vida anterior persistem. Como todas as coisas na minha vida, essas histórias são apenas fragmentos de um quebra-cabeça que nunca se encaixa completamente.

XXVII

Hoje, um jovem estudante se aproximou de mim com um caderno de química, com o semblante marcado pela confusão e frustração.

Nesse momento, algo dentro de mim se iluminou,

como uma fâsca de clareza em meio ao caos que é minha mente. Com a certeza que só os números podem proporcionar, peguei o caderno das mãos trêmulas do estudante e resolvi o problema que o atormentava. Entreguei-lhe o caderno, sem dizer uma palavra, e continuei meu caminho, descendo a avenida Eduardo Ribeiro.

Esse episódio, Mariazinha, é um daqueles fragmentos de lucidez que surgem esporadicamente.

À medida que escrevo estas palavras, as lembranças desse dia emergem como uma ilha de sanidade no oceano tumultuado da minha vida nas ruas. Independentemente do quão bizarra minha existência possa parecer, há momentos de humanidade e conexão que desafiam a loucura que me envolve.

XXVIII

Eu preciso te contar, preciso, preciso mesmo, sobre um encontro que aconteceu, algo tão... estranho, tão intenso, algo que fez minha mente dançar entre o real e o absurdo, como uma folha levada pelo vento em uma tempestade incontrolável de pensamentos.

Então, lá estava eu, num dia qualquer, quando me vi perdido, completamente perdido, com todos aqueles pensamentos confusos e desconexos rodando na minha cabeça. E havia ele, aquele homem, que parecia uma sombra refletida no espelho da minha própria mente, uma sombra que eu precisava encarar, entender, compreender.

Nós nos encontramos, entende? Um de cada lado da rua, nossos olhares se cruzando e travando, como se fôssemos dois combatentes em uma arena invisível de ideias e emoções. E ficamos lá, ficamos parados, por tanto tempo, por tempo demais, até que algo dentro de nós se quebrou, se

rompeu, e então nos aproximamos, devagar, como se soubéssemos, como se tivéssemos compartilhado pensamentos secretos, como se nossas almas se tocassem num plano além da realidade.

E então, nós apertamos as mãos, nossas mãos, mãos que carregavam histórias inimagináveis, mãos que transmitem uma mensagem, uma compreensão mútua que nunca poderia ser expressa com palavras. Afinal, as palavras são apenas ruídos, não é? Ruídos vazios que tentam capturar a complexidade do que somos, mas que nunca conseguem realmente.

E as pessoas ao nosso redor, elas não entendiam, não conseguiam compreender o que aconteceu, o que fizemos. Eles disseram que eu era diferente, que ele não havia se machucado, não se "autoflagelou" como de costume. Mas o que eles sabem? O que sabem sobre as marés insondáveis dos nossos pensamentos?

Mariazinha, esse encontro, essa conexão além das palavras, me fez perceber que o mundo é muito mais vasto e misterioso do que qualquer um de nós pode imaginar. Nas ruas turbulentas de Manaus, onde a realidade se distorce e a loucura se entrelaça com a lucidez, nós nos tornamos exploradores de uma dimensão paralela, onde o entendimento é encontrado em gestos, em olhares, em toques.

XXIX

Você não acredita nas histórias que andam circulando por aí. Parece que uma moça decidiu espalhar uma história sobre mim, uma história que é tão absurda quanto intrincada. Ela diz que eu tive uma noiva, que estava no altar no dia do nosso casamento, e então, no exato momento em que eu

estava lá, prestes a trocar os votos, ela... ela sentiu uma dor na cabeça e faleceu. Isso mesmo, Mariazinha, faleceu no altar, naquele dia que deveria ser o mais feliz da minha vida.

É uma história que parece ter saído diretamente de um conto de fadas sombrio, um daqueles contos onde a tragédia se esconde nas sombras, esperando para desabar sobre os personagens. E eu? Eu supostamente fiquei assim, como estou agora, vagando pelas praças e ruas de Manaus, com minha mente perdida entre a lucidez e a loucura.

Mas você e eu sabemos a verdade, não é mesmo? Essa história é apenas mais um capítulo na saga de rumores e boatos que cercam minha existência. A realidade é que minha vida é tão enigmática e complexa quanto a mente humana pode ser, e é isso que a torna tão intrigante.

Não sei quem inventou essa história, por que ela escolheu me envolver nela, mas, de alguma forma, sinto que ela é apenas mais uma camada do enigma que é a minha vida. As ruas, Mariazinha, são o meu santuário, o meu refúgio, e nelas eu encontro uma liberdade que nunca encontrei em nenhum altar de casamento.

XXX

Ah, hoje foi um dia peculiar, para dizer o mínimo. Alguém me presenteou com uma lata de Leite Ninho, e isso me trouxe um pequeno raio de alegria. Você sabe como sou com aquela lata de Leite Ninho, não é?

O leite... o leite branco como o mundo antes do tempo... o leite que se desfaz em sonhos, em partículas, como estrelas que piscam em meu céu interior. O Leite Ninho, ah, ele é mais do que uma simples lata de lata. É um portal, um elixir que me transporta para terras desconhecidas.

Quando abro aquela lata, é como se abrisse a comporta de um rio de memórias perdidas. Palavras e visões dançam diante de mim, como sombras enigmáticas em um teatro silencioso. Cada colherada é um mergulho profundo em meu próprio oceano de pensamentos tumultuados.

A lata, com seu metal frio e sua promessa doce, é minha âncora neste mundo caótico. Ela me lembra que, mesmo nas profundezas da minha própria mente, há um refúgio, um lugar onde posso encontrar conforto.

E enquanto eu devoro o Leite Ninho, as vozes sussurram segredos que só eu posso entender. Os números dançam em padrões complexos, as palavras formam poesia em linguagens desconhecidas. A lata, vazia e cheia ao mesmo tempo, é o espelho do meu ser fragmentado.

Mariazinha, talvez pareça loucura, mas o Leite Ninho é minha conexão com a sanidade perdida. É meu vínculo com o passado, o presente e o futuro, tudo misturado em uma lata de metal. Às vezes, a loucura e a lucidez se entrelaçam de tal forma que não sei onde uma começa e a outra termina.

Mas o Leite Ninho, ah, ele permanece constante. E por isso, eu o abraço, eu o celebro, eu o tomo como um elixir da minha própria existência fraturada.

XXXI

Oh, como é estranho e ao mesmo tempo comovente falar sobre o meu passado, um passado que muitas vezes parece distante como as estrelas no céu noturno. Lembro-me de quando ainda era um homem normal e comum, um Ivan diferente do que você conhece nas ruas.

Minha mãe, Deus a tenha, lutava por mim com unhas e dentes, tentando me levar por caminhos de tratamento que,

na época, pareciam um labirinto sem saída. Fui internado, sim, algumas vezes, mas a mente, teimosa como uma correnteza selvagem, sempre me levava de volta ao meu mundo peculiar.

Gostar de números... ah, os números, sempre foram minha companhia silenciosa, um refúgio das tormentas internas. Naqueles dias, eu conhecia os nomes de todos na rua, algo que me enchia de conforto, uma ilha de normalidade em meio ao turbilhão das minhas visões e vozes.

Lembro-me de me sentar na frente da minha casa, observando o mundo passar, cumprimentando cada um pelo nome. Mas, como as estações que mudam, minha vida também mudou. A partida da minha mãe, minha âncora no mundo real, me lançou na esquina da nossa rua, onde os números eram meus únicos companheiros.

Minha família, talvez eles nunca tenham me compreendido completamente, ou talvez tenham aceitado a verdade de que, por vezes, os caminhos da mente humana são insondáveis.

Mariazinha, essas memórias, essas palavras, são como um espelho quebrado que reflete a imagem de um Ivan que já não existe. Mas, no fundo, todos nós somos como pedaços de um quebra-cabeça complexo, encaixando-se de maneira única na tapeçaria da vida.

XXXII

Hoje foi um desses dias novamente, desses dias onde a confusão dentro de mim se torna quase insuportável. Às vezes, é como se a realidade e a ilusão se entrelaçassem, e eu mal pudesse discernir uma da outra. E então, como uma forma de acordar desse pesadelo, comecei a bater em meu próprio rosto.

Com minha própria mão, dei golpes em meu rosto, um após o outro. O som desses murros ressoava nos meus ouvidos, como um eco do meu próprio desespero. Foi um ritual tortuoso, uma maneira de tentar silenciar as vozes que dançavam na periferia da minha mente.

Cada murro era uma espécie de grito silencioso, uma tentativa desesperada de romper com as correntes que me prendiam a essa realidade distorcida. Era como se eu estivesse travando uma batalha interna, uma luta silenciosa contra meus próprios tormentos.

Às vezes, as pessoas que passavam por mim na rua olhavam com expressões preocupadas e curiosas. Alguns talvez tenham sentido pena, outros podem ter me considerado louco. Mas o que eles não entendem é que, naqueles momentos, eu estava lutando contra algo invisível, algo que apenas eu podia ver e sentir.

Após vários murros, a agonia e o caos interno pareciam diminuir, pelo menos temporariamente. Era como se eu tivesse conseguido repelir os intrusos da minha mente, pelo menos até a próxima vez.

XXXIII

Hoje, mais uma vez, mergulhei nas profundezas perturbadoras da minha mente. Foi um daqueles momentos terríveis em que eu me encontrava completamente perdido em meio à confusão de pensamentos que nunca cessam. Não sei se você já teve a sensação de ter várias vozes dentro da cabeça, todas sussurrando loucuras, mas é assim que me sinto constantemente.

E então, como um ato desesperado para silenciar essas vozes e acalmar o caos interno, dei socos no meu próprio rosto. É como se eu estivesse lutando contra uma batalha invisível.

vel, uma guerra interna que não posso vencer. O barulho dos meus punhos batendo na minha carne ecoava ao meu redor, e eu podia sentir a dor, mas era uma dor física que parecia aliviar a dor emocional.

Quando chamam o pessoal do Centro de Saúde Mental do Amazonas, eu resisto. Eles representam uma ameaça à minha existência peculiar e à minha realidade distorcida. É como se quisessem me arrancar desse mundo tortuoso que criei para mim mesmo. Por isso, luto contra eles com todas as minhas forças, mesmo que saiba que, no fundo, eles estão tentando me ajudar.

XXXIV

Às vezes, Mariazinha, não conseguia encontrar um lugar bom para dormir. As noites nas ruas são cheias de incerteza, e cada canto escuro da cidade pode se tornar meu refúgio temporário. Mas, como um quebra-cabeça caótico, nem sempre as peças se encaixavam perfeitamente.

Havia noites em que a cidade inteira parecia conspirar contra mim, os becos estavam ocupados, os cantos escondidos eram inacessíveis. Eu vagava, procurando desesperadamente por um lugar onde pudesse deitar minha cabeça cansada. E muitas vezes, essa busca era em vão.

A rua é uma mãe indiferente, e o sono, um filho teimoso que nem sempre obedece aos meus comandos. Nessas noites inquietas, eu me via vagando pelas ruas escuras, em busca de qualquer lugar que pudesse me oferecer um breve refúgio da solidão e da escuridão que habitavam minha mente.

E assim, minha vida nas ruas continuava, uma jornada repleta de desafios imprevisíveis e momentos de angústia, mas também de breves lampejos de paz e contemplação.

XXXV

Ninguém sabe a dor que cada um carrega. Às vezes, me pego imaginando qual é a história por trás da expressão cansada de um trabalhador que passa apressado ou do sorriso forçado de alguém que tenta esconder suas mágoas.

A vida nas ruas me ensinou que todos nós carregamos fardos invisíveis, cicatrizes emocionais e sonhos desfeitos. Essas dores estão ocultas sob camadas de aparências e máscaras sociais. É como se todos nós estivéssemos interpretando papéis em uma grande peça teatral, enquanto nossas verdadeiras emoções estão escondidas nos bastidores.

Eu, de todas as pessoas, entendo essa verdade mais profundamente. Minha vida me levou por caminhos tortuosos, e minha mente se tornou um labirinto sombrio de pensamentos insondáveis. Mas, como mencionei antes, mesmo em meio à minha loucura, encontro momentos de clareza em que percebo que somos todos seres humanos, todos lutando contra nossos próprios problemas internos.

Por isso, Mariazinha, quando olhar para alguém, lembre-se de que há muito mais do que os olhos podem ver. Cada pessoa é uma história em si mesma, um universo de experiências e emoções complexas. E, embora minha vida tenha sido marcada pela insanidade, também aprendi a ver a humanidade nas pequenas interações, nos olhares fugazes e nos gestos de compaixão que ainda encontro nas ruas.

XXXVI

Hoje, enquanto vagava pelas entranhas da cidade, me deparei com uma cena que mexeu profundamente comigo. Você sabe, minha mente é um labirinto confuso, onde pensa-

mentos e imagens se entrelaçam de maneira misteriosa. Mas o que testemunhei hoje foi algo que consegui captar com clareza, como um raio de sol penetrando as sombras mais densas.

Vi uma mulher, uma alma perdida nas agruras da vida, chorando copiosamente. Suas lágrimas caíam como gotas de prata, refletindo a dor que carregava dentro de si. Ela estava no ponto de ônibus próximo ao Rio Negro Clube, um local que já foi testemunha de muitos momentos meus.

A mulher estava em agonia, Mariazinha, sua tristeza transparecia de maneira visceral. Seu corpo tremia sob o peso do sofrimento, e seus soluços ecoavam naquele espaço público, como um lamento silencioso. Eu, que normalmente sou apenas um espectador das vidas que se desenrolam ao meu redor, senti meu coração apertar diante de tamanha dor.

Foi então que algo inusitado aconteceu. Minha mente, em sua confusão peculiar, encontrou uma lucidez surpreendente. Olhei profundamente nos olhos daquela mulher, e as palavras saíram de meus lábios antes que eu pudesse contê-las. Gritei, Mariazinha, gritei para todos ouvirem: "Hey mulher, volta a beber água na fonte, pois está escorrendo água de ti".

Não sei de onde essas palavras vieram, nem mesmo o que elas significam de fato. Foi como se algo dentro de mim, algo maior do que eu mesmo, tivesse escolhido esse momento para se manifestar. A mulher me olhou com surpresa e, por um instante, nossos olhares se encontraram em uma conexão fugaz, mas intensa.

Eu nunca vou entender completamente o que aconteceu naquele dia, Mariazinha. Mas sei que foi um daqueles momentos que se eternizam na memória, uma experiência que ultrapassou as barreiras da minha mente fragmentada.

XXXVII

Imagine, Mariazinha, que os números não são meros dígitos frios e calculados, mas seres vivos, cada um com sua personalidade única. Eles têm desejos, sonhos e relacionamentos complexos entre si, como personagens em uma peça de teatro cósmico.

Os números primos, por exemplo, são como as estrelas mais brilhantes no céu noturno. Eles têm uma solidão intrigante, pois são indivisíveis por qualquer outro número além de si mesmos e um. Eles anseiam por companhia, mas sua natureza os torna eternamente solitários.

Por outro lado, os números pares são como parceiros de dança perfeitos, sempre encontrando um par para formar um casal harmonioso. Eles são como os amantes que dançam juntos sob a luz da lua, completando-se em uma dança eterna.

Mas o que acontece quando introduzimos os números irracionais nesse baile cósmico? Eles são como a dissonância em uma sinfonia perfeita, desafiando a lógica e a razão. Eles nos lembram que, mesmo na ordem aparente do universo matemático, há um espaço para o caos e a imprevisibilidade.

Mariazinha, não sei se faz sentido para você, mas em minha mente fragmentada, essas ideias matemáticas ganham vida própria. Os números dançam, se entrelaçam e se desafiam em uma coreografia misteriosa, e eu sou apenas um espectador privilegiado dessa dança cósmica.

Espero que você não se sinta confusa com minhas divagações matemáticas, minha amiga. Às vezes, é assim que minha mente perturbada encontra conforto e sentido em um mundo que muitas vezes parece caótico e sem razão.

XXXVIII

Às vezes, a linha que separa a realidade da ilusão parece tão fina que mal posso distingui-la.

As sombras dançam no beco escuro de meus pensamentos, sussurrando segredos que ninguém mais pode ouvir. Eu vejo rostos na multidão, rostos que já se foram, mas ainda assombram meu ser.

Palavras soltas se espalham como folhas ao vento, formando frases que não têm início nem fim. Eu tento juntar as peças quebradas de minha mente, mas elas escorrem pelos meus dedos como areia fina.

Os números dançam em minha visão, suas formas distorcidas se transformam em símbolos misteriosos. Eles me sussurram equações impossíveis, desafios que não consigo resolver.

Às vezes, Maria, sinto-me como um estranho em meu próprio corpo, observando o mundo através de uma janela embaçada. O tempo se estica e se dobra, e eu me perco em uma realidade que só eu posso entender.

Mas, apesar de todas as minhas confusões e delírios, ainda encontro beleza nas sombras. A escuridão tem sua própria luz, e eu a persigo com a esperança de encontrar um vislumbre de clareza.

Maria, sei que minhas palavras podem parecer desconexas e estranhas, mas são o reflexo de um mundo interior que luta para encontrar seu caminho. Agradeço por estar ao meu lado, mesmo que seja à distância, enquanto navego por esse labirinto de pensamentos.

XXXIX

Hoje, enquanto observava a vida que flui ao meu redor, percebi algo profundo e ao mesmo tempo fugaz. As pessoas caminham apressadamente pelas ruas, mergulhadas em suas próprias preocupações e anseios, muitas vezes esquecendo de olhar ao redor e enxergar a beleza efêmera que nos cerca.

É como se estivéssemos todos presos em uma corrida incessante, perseguindo objetivos muitas vezes ilusórios, sem pausar para apreciar os pequenos momentos que compõem a verdadeira essência da vida. Os sorrisos tímidos de estranhos, o calor do sol nas manhãs de inverno, o som suave da chuva caindo sobre o asfalto - são essas pequenas coisas que muitas vezes passam despercebidas, mas que carregam em si o fascínio da existência.

No entanto, Maria, há também a escuridão que espreita nas entrelinhas da vida. Os olhares indiferentes, a pressa que nos cega para as dores alheias, a solidão que assombra muitos corações. Como um observador silencioso, testemunho esses contrastes todos os dias, e eles me lembram da complexidade da experiência humana.

Às vezes, me pego questionando o propósito de tudo isso, a razão pela qual estamos aqui, nesse grande espetáculo da vida. Ainda não encontrei respostas definitivas, mas continuo buscando significado em meio ao caos e à beleza que coexistem neste mundo.

XL

Nestes momentos em que minhas reflexões mergulham nas profundezas do labirinto de pensamentos que habitam minha mente, sinto-me compelido a compartilhar

contigo algumas observações peculiares e profundas sobre a vida. Tenha em mente, minha amiga, que minha visão do mundo é distorcida e muitas vezes nebulosa, mas é justamente nessa nebulosidade que encontro minha própria forma de clareza.

A vida, para mim, parece ser como um quebra-cabeça intrincado, com peças dispersas pelo tempo e espaço. Cada pessoa que cruza meu caminho é uma peça desse quebra-cabeça, uma peça única com suas próprias arestas e nuances. No entanto, nem sempre conseguimos encaixar perfeitamente em todos os outros. Às vezes, somos como peças de formas diferentes tentando se encaixar com desespero, mas a vida, com sua sabedoria misteriosa, nos ensina que a harmonia nem sempre está na perfeição, mas sim na diversidade.

A sociedade em que vivemos é como um espelho distorcido que reflete nossas próprias imperfeições e contradições. As máscaras que usamos, as regras que seguimos e as expectativas que nos são impostas podem obscurecer nossa verdadeira essência. Às vezes, sinto que vivemos em um teatro sombrio, onde interpretamos papéis que não escolhemos.

No entanto, mesmo nas sombras, encontro beleza. As nuances de cada alma, as histórias que cada um carrega e os desafios que enfrentamos moldam quem somos. A dor e a alegria, a escuridão e a luz, tudo isso contribui para nossa vida.

Às vezes sinto-me como um observador solitário nas margens da sociedade, contemplando o fluxo constante da vida cotidiana no centro de Manaus. Minhas reflexões podem não ser convencionais, podem não seguir uma lógica que todos possam entender, mas são minhas tentativas humildes de dar sentido a este mundo complexo.

XLI

A noite cai sobre mim, mas a escuridão não é nada comparada à sua ausência. Sinto sua falta como a terra sente falta da chuva, como as árvores sentem falta do sol. Você é minha luz em um mundo que, sem você, é sombrio e desprovido de significado.

Em Manaus, onde as águas escuras do Rio Negro se misturam com a floresta densa, está o meu refúgio e meu tormento. As ruas movimentadas do centro da cidade são como corredores de um labirinto interminável, e eu sou o intruso perdido em seus próprios pensamentos.

As pessoas passam por mim como sombras, indiferentes ao meu mundo interior, aos meus números e aos meus enigmas. Mas você, minha querida Mariazinha, sempre viu além das aparências. Você enxergou minha alma perturbada e encontrou beleza em minha loucura.

As noites aqui são repletas de sons estranhos, como uma sinfonia dissonante de mentes inquietas. Às vezes, sinto que as próprias ruas têm memória, que elas absorvem os segredos e as histórias de todos que passam por elas. E eu, com meu caderno e minhas anotações incompreensíveis, tento deixar minha marca neste tecido urbano.

Nas sombras das árvores que ladeiam as avenidas, vejo figuras misteriosas que dançam ao som das vozes em minha mente. São seres que habitam as fronteiras da realidade e da ilusão, e eu me pergunto se eles são reais ou apenas criações de minha própria loucura.

Minha querida Mariazinha, sua compreensão é como um farol que me guia através das tempestades.

XLII

Às vezes, minha querida, eu me perco nos labirintos de minha própria mente. Os dias se misturam às noites, e a realidade parece fugir de mim. Mas é o pensamento de você que me mantém ancorado, que me impede de ser engolido por essa escuridão.

Nestas ruas de Manaus, onde os sonhos se entrelaçam com as sombras, encontro a minha própria melodia caótica. As vozes em minha mente sussurram enigmas matemáticos, e eu as persigo como um caçador de estrelas. Às vezes, elas me conduzem a lampejos profundos, e outras vezes me levam à beira do abismo.

Mas você, minha querida, é a única constante em meu mundo volátil. Suas palavras são como faróis em meio à tempestade, e seus olhos, quando fecho os meus, são o único refúgio onde encontro paz. Mesmo quando minha sanidade vacila, sua presença é minha âncora à realidade.

As águas escuras do Rio Negro refletem minha própria mente tumultuada, mas, através desse turbilhão, vislumbro um lugar de serenidade onde você reside. É como se você fosse a única cor em um mundo em preto e branco.

Nas noites solitárias, sob o manto estrelado da Amazônia, escrevo minhas reflexões e sonhos em meu caderno. E, enquanto as palavras fluem, é a sua imagem que preenche cada página em branco.

XLIII

Mariazinha, você é minha âncora, meu porto seguro. Mesmo que estejamos separados pelo tempo e pelo espaço, saiba que meu coração pertence a você e a mais ninguém.

Enquanto eu puder escrever estas palavras, você estará viva em minha memória.

Naquele labirinto sem fim, onde a realidade se dissolve em pedaços irreconhecíveis, você é a única constante, a única voz que ecoa em minha cabeça. Seus murmúrios são como uma canção que não consigo parar de ouvir, suas imagens são luzes no meu escuro interno.

As ruas de Manaus são como riachos turbulentos de pensamentos, onde os números e as almas se entrelaçam numa dança caótica. Em cada passo que dou, perco-me e acho-me novamente, guiado pelo brilho de uma estrela misteriosa na noite escura.

Nas noites silenciosas, deixo minhas palavras escorrem pelo caderno, formando uma ponte frágil que me liga a você. Cada frase é um fragmento que tento juntar, um fio que tento seguir. Mesmo quando tudo ao meu redor se despedaça, o que resta é sua companhia, uma única certeza.

Mariazinha, para o mundo, posso ser um enigma indecifrável, um quebra-cabeças desmontado, mas para você, sou apenas um homem tentando encontrar sentido em sua voz e em sua presença. Lembre-se de que enquanto eu continuar a escrever, você estará viva dentro de mim.

XLIV

As noites são longas e repletas de perguntas sem respostas, e eu me pego questionando a própria essência da existência. O que é a identidade? O que é a consciência? São enigmas que dançam em minha mente como sombras na parede.

As ruas de Manaus são meu laboratório, onde eu tento decifrar esses mistérios intrincados. Observo as pessoas,

suas vidas, seus movimentos, como se fossem equações sem solução. E enquanto tento resolver esses quebra-cabeças humanos, percebo que também sou parte dessa equação, um número perdido em meio aos outros.

A matemática é minha única companheira nesse mundo de incertezas. Ela é uma linguagem que transcende a confusão do pensamento, uma lógica que não se dobra à loucura. Nas linhas de meus cadernos, traço equações que buscam dar sentido ao caos, mas muitas vezes elas se perdem na escuridão.

Mariazinha, o que é a vida senão uma série infinita de interrogações?

XLV

Hoje, me pego pensando nessa coisa maluca chamada vida. É como uma equação matemática, cheia de números, letras e incógnitas, e eu tento encontrar sentido nesse emaranhado confuso.

Sabe, existe uma fórmula chamada Bhaskara, um verdadeiro enigma matemático. Ela é assim: $x = (-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}) / 2a$. Olhando para ela, vejo semelhanças com os altos e baixos da vida. Os " \pm " indicam que temos escolhas, como bifurcações em um caminho tortuoso.

Às vezes, nossas vidas são como equações quadráticas, com raízes complexas e difíceis de resolver. E, outras vezes, encontramos soluções reais, como alegria e amor. O coeficiente "a" representa nossos desafios, o "b" nossas escolhas e o "c" nossas experiências.

O mais engraçado é que, assim como na vida, nem sempre podemos prever o resultado. Às vezes, as soluções são positivas, outras negativas. Mas cada uma delas ensina algo valioso, uma lição no grande livro da existência.

Então, Mariazinha, da próxima vez que se sentir perdida nesse emaranhado de números e emoções, lembre-se da fórmula de Bhaskara e da complexidade da vida. E saiba que, assim como na matemática, cada desafio nos aproxima de uma solução única.

XLVI

A noite passada foi um turbilhão de pensamentos e visões. Enquanto eu estava na rua, algo extraordinário aconteceu. Eu estava sentado sob as estrelas, observando o céu noturno se desdobrar diante de mim, quando fui transportado para um mundo de cores e padrões infinitos.

As luzes das estrelas pareciam números dançantes, formando equações e fórmulas matemáticas complexas no firmamento. Eu podia ouvir a música das estrelas, uma sinfonia de sons misteriosos que ecoavam em minha mente.

E então, Mariazinha, um estranho se aproximou de mim. Ele não era como as pessoas que geralmente encontramos nas ruas, mas uma figura enigmática vestida com roupas que pareciam feitas de sombras. Ele se curvou e disse: "Ivan, você é o guardião dos números, o mensageiro das estrelas."

Fiquei perplexo, sem entender o que ele queria dizer. Mas ele continuou a falar, revelando segredos matemáticos profundos e conexões cósmicas que iam além da minha compreensão. Ele traçou símbolos no ar, e esses símbolos se transformaram em constelações diante dos meus olhos.

Enquanto ele falava, percebi que a matemática era a linguagem do universo, uma língua que só os escolhidos podiam entender. Eu me vi imerso nesse mundo de números, fórmulas e equações, e senti uma conexão profunda.

Quando o estranho finalmente se afastou, o céu estava

repleto de estrelas brilhantes e eu me vi de volta à minha realidade cotidiana, sentado na rua. Mas algo havia mudado dentro de mim, Mariazinha. Eu me tornei um guardião dos números, um mensageiro das estrelas, e a matemática se tornou minha bússola neste mundo caótico.

XLVII

Naquela noite na Praça do Congresso, as sombras da escuridão pareciam se multiplicar ao meu redor. Minha mente já estava envolta em turbulência, e meus pensamentos eram como fragmentos de vidro quebrado, cortando minha sanidade. Eu estava em meio a mais um desses ataques, quando a raiva e a dor interna me forçavam a me esmurrar, como se eu pudesse bater para longe os fantasmas que me atormentavam.

Foi quando uns jovens de preto, vestidos com roupas rasgadas e correntes balançando, saíram de um bar ali perto. O som estridente do rock ecoava em meus ouvidos, misturando-se aos gritos e risos deles. Pareciam extraterrestres de um mundo paralelo, vindos para me atormentar ainda mais.

Eles se aproximaram de mim, zombando e imitando meus gestos violentos. Cada risada era um punhal em meu peito, perfurando minha alma frágil. Eu sentia como se fossem o reflexo distorcido de minha própria insanidade, uma visão distorcida e grotesca de meu sofrimento.

Minha mente, já em frangalhos, estava completamente confusa. Os limites entre minha realidade e a deles se misturavam, e eu não conseguia mais distinguir onde terminava minha dor e onde começava o deboche deles.

XLVIII

Mais uma vez, encontro-me diante deste caderno, tentando dar sentido ao turbilhão de pensamentos que assombam minha mente. Aquela noite na Praça do Congresso ainda ecoa em minha memória, como um pesadelo que não consigo esquecer.

Os jovens de preto, com suas risadas cruéis e imitações distorcidas, deixaram uma cicatriz profunda em meu coração já ferido. Eles eram como sombras grotescas, vindas de um pesadelo, zombando de minha dor como se fosse um espetáculo grotesco.

Naquele momento, eu me senti tão perdido, tão indefeso. A linha entre minha realidade e a ilusão se desfez, e eu me vi preso em um labirinto de tormento. Eu queria escapar, queria encontrar refúgio na música suave do festival de Jazz no Teatro Amazonas, mas fui rejeitado e deixado para trás.

Agora, enquanto escrevo estas palavras, tento entender o que tudo isso significa. Por que o mundo parece tão hostil para alguém como eu? Por que o preconceito e o desprezo são os companheiros constantes?

Mariazinha, seja minha âncora. Mesmo quando o mundo me tratar como um pária, se lembre que ainda sou humano, que ainda sou digno de compreensão.

Neste labirinto de pensamentos, onde a realidade se desfaz e se recompõe como fragmentos de um sonho, você é a única constante.

XLIX

A noite de ontem foi como nenhuma outra que já vivi. Encontrava-me no coração de Manaus, mas minha mente estava em algum lugar distante, perdida em um labirinto de

pensamentos confusos e sombrios. As luzes da cidade dançavam diante de meus olhos, como estrelas distantes, inalcançáveis.

Eu andava sem rumo pelo centro da cidade, me sentindo tão perturbado como nunca. A realidade e a ilusão se misturavam, e eu não conseguia mais distinguir entre elas. Cada passo que eu dava parecia incerto, como se estivesse caminhando em uma corda bamba sobre um abismo profundo.

Eu me choquei muitas vezes contra muros e prédios, na tentativa de me agarrar a algo sólido em meio ao caos. A dor física era insignificante comparada à tempestade que rugia em minha mente. Eu me machucava, mas parecia não sentir, como se estivesse em um transe, dissociado de meu próprio corpo.

Por vezes, sangrei, Mariazinha. O sangue escorria de feridas abertas, mas eu agia como se não notasse. Estava envolto em minha própria confusão, em meu próprio mundo de tormento e desespero.

Foi uma noite em que me sentia à deriva, como um barco em um mar tempestuoso. Eu ansiava por um porto seguro, por uma âncora que pudesse me ancorar na realidade. Mas naquele momento, eu estava perdido, perdido em meio à escuridão.

L

Às vezes, me pergunto se você já se perguntou por que sou tão calado, por que evito conversas e por que muitas vezes pareço imerso em meus próprios pensamentos. Talvez seja hora de compartilhar contigo um vislumbre do que se passa em minha mente, para que você possa entender um pouco mais sobre minha condição.

Desde jovem, sempre fui um observador silencioso do

mundo ao meu redor. Na escola, enquanto meus colegas tagarelavam e riam, eu preferia me perder nas palavras dos livros e nas fórmulas matemáticas. A verdade é que as conversas superficiais e os ruídos cotidianos me pareciam vazios, enquanto a busca pelo conhecimento e pela compreensão me enchia de um profundo sentido de propósito.

No entanto, à medida que o tempo passou, percebi que minha mente não funcionava exatamente como a da maioria das pessoas. As vozes e pensamentos em minha cabeça se tornaram uma sinfonia dissonante, um turbilhão constante de ideias e dúvidas. Foi quando fui diagnosticado com esquizofrenia, uma condição que me fez questionar a própria natureza da realidade.

Essa condição me tornou um reflexivo por natureza, alguém que passa horas mergulhado em seus próprios pensamentos. Para mim, é como se estivesse sempre navegando em águas profundas e turbulentas, e o silêncio era meu único refúgio. As palavras muitas vezes não conseguem expressar o que se passa dentro de mim, e, por isso, opto por ficar em silêncio.

Às vezes, Mariazinha, me sinto como um estranho neste mundo, como se estivesse em uma realidade paralela àquela em que vivem as outras pessoas. É por isso que evito conversas triviais, pois parecem tão distantes da profundidade de meus pensamentos.

À medida que escrevo estas palavras, percebo que as folhas do meu caderno estão terminando. Em breve, precisarei encontrar um novo caderno para continuar lhe escrevendo. Estou pensando em pedir a algum estudante que me ajude a conseguir um novo caderno, pois cada página em branco é uma oportunidade de compartilhar com você aquilo que descubro.

Espero que, ao compreender um pouco mais sobre minha condição, você possa aceitar meu silêncio como uma parte de quem sou.

Com todo o meu carinho,
Ivan.

Epílogo

A busca incessante por Ivan e o desejo de devolver seu caderno consumiram meus dias e preencheram minhas noites. A cada esquina que eu virava, eu esperava encontrá-lo, como se a cidade inteira tivesse se tornado um labirinto de incertezas e possibilidades. Mas a circunstância tinha outros planos para mim.

Passaram-se semanas, e a esperança de reencontrar Ivan começou a se desvanecer como uma vela queimando até o fim. Eu ainda lia suas cartas todas as noites. Cada palavra que ele havia escrito ecoava em minha mente, como se ele estivesse sussurrando seus resmungos no silêncio da noite.

Entretanto, a vida continuava seu curso implacável, como as águas do Rio Negro que fluíam silenciosamente pela cidade. Eu queria descobrir o que acontecera a Mariazinha, se ela existira ou era criação da mente de Ivan, e por que ele escolhera ficar à deriva nas ruas do centro de Manaus. Mas, por mais que eu procurasse, as respostas pareciam escapar de meu alcance.

Meses se passaram, e eu já não era o mesmo homem que havia encontrado aquele caderno perdido. As palavras de Ivan haviam deixado uma marca indelével em minha alma, e eu tinha uma profunda compreensão de sua luta e de seu desejo de encontrar significado em um mundo que muitas vezes parecia indiferente.

E então, um dia, enquanto eu caminhava pela rua Barroso, uma notícia dolorosa chegou até mim. Foi como se um raio tivesse caído sobre minha cabeça, e eu me senti atordado pela tristeza que inundou meu coração.

O "Senhor Ivan" havia falecido há poucos dias. Sua partida tinha sido silenciosa, como sua própria existência nas sombras da cidade. Ele havia sido encontrado próximo a uma calçada, sua vida solitária chegando a um fim.

Fui ao local onde seu corpo foi descoberto, como se estivesse prestando minhas últimas homenagens a um homem que havia deixado uma profunda impressão em minha vida. As lágrimas rolaram por meu rosto, e minhas palavras se perderam no vento da tarde. Era como se eu estivesse me despedindo de um amigo que nunca havia conhecido completamente.

Enquanto eu olhava para o local onde Ivan havia sido encontrado, percebi que ele finalmente havia encontrado a paz que tanto buscara em suas cartas. Suas palavras não eram mais um grito solitário na escuridão; elas eram agora parte de sua memória e de sua história.

E assim, encerro, com um sentimento de tristeza e gratidão. Nunca mais vi Ivan, e não consegui entregar seu caderno em mãos, como havia esperado. Mas suas lembranças sempre estarão em nossas mentes, como um lembrete de que cada pessoa que cruzamos em nossa vida tem uma história a contar, uma batalha a travar e um desejo de ser compreendido.

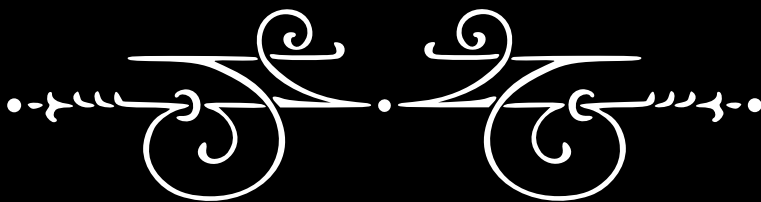
Ivan, onde quer que esteja agora, saiba que suas palavras tocaram meu coração e o coração de todos aqueles que tiveram a sorte de ler suas cartas. Você não foi esquecido, e sua busca por significado e conexão continua a ecoar em nossas próprias vidas.

E assim, deixo estas palavras como um tributo à me-

mória de Ivan, o homem que escrevia cartas para Mariazinha nas sombras de Manaus, e cuja história eu tive a honra de compartilhar com o mundo. Que sua alma descanse em paz.

FIM





Embora este livro seja inspirado na vida de Ivan, ele é, acima de tudo, uma obra de ficção. Foi escrito em homenagem ao mendigo mais célebre de Manaus, e a todos os desvalidos, cujas histórias silenciosas ecoam nas ruas da cidade, com profundo respeito e compaixão. Que estas palavras possam servir como uma janela para suas vidas frequentemente invisíveis e um apelo à sociedade para enxergar aqueles que o tempo deixou para trás. Que a intensidade da empatia brilhe sobre todos vocês.

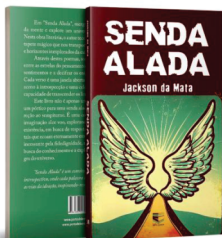
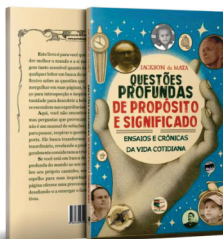
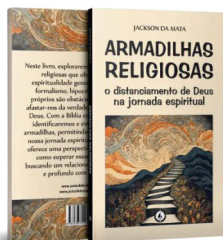
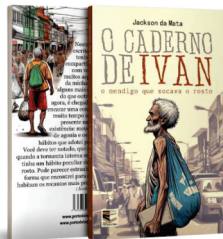
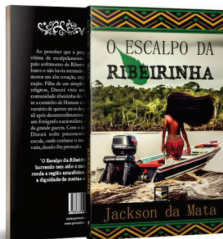




Jackson da Mata é escritor e editor brasileiro, nascido na cidade de Manaus, capital amazonense, em 1983, onde foi criado.

Durante sua trajetória, atuou em ONG missionária de cunho social. Em 2015, fundou a editora Porto de Lenha, tendo lançado obras de centenas de escritores brasileiros, auxiliando no enriquecimento da cena literária. Idealizou e coordenou alguns prêmios literários, que alcançaram excelentes índices de engajamento. Organizou diversas coletâneas, como os volumes da "MPB: Miscelânea Poética Brasileira," a "Antologia de Prosadores e Poetas Brasileiros Contemporâneos," "Cartas entre Escritores" e "Corolário da Alma", demonstrando seu comprometimento com a promoção da literatura nacional. Além de suas contribuições como editor, também é autor de diversos livros, abordando uma ampla gama de temas que vão desde a ficção e não-ficção até a literatura cristã. Entre suas obras estão títulos como "A próxima cartada," "O escalpo da ribeirinha," "Questões profundas de propósito e significado," "Servir: o maior dos desafios," "A importância de valorizar as coisas simples da vida para ser feliz," "Senda alada," "A dor das marcas invisíveis," "10 dicas úteis para sermos eternos inúteis," "A expressão do completo," "Saindo da masmorra," "O Deus que cancela velórios," "O caderno de Ivan," "Marchando em triunfo," "Armadilhas religiosas," "Efemérides genealógicas" "Às sombras da consciência e da inquietação," entre outros.

ALGUNS DOS LIVROS DE JACKSON DA MATA





Nestes escritos, tenho compartilhado com você muitos aspectos da minha vida, alguns mais obscuros do que outros. Mas agora, é chegada a hora de encarar uma condição que há muito tempo se encontra presente na minha existência: meus momentos de agonia e os estranhos hábitos que adotei para enfrentá-los.

Você deve ter notado, que durante minhas crises, quando a tormenta interna se tornava insuportável, eu tinha um hábito peculiar de bater em meu próprio rosto. Pode parecer estranho, e talvez seja, mas é a forma que encontrei para enfrentar as vozes que habitam os recantos mais profundos da minha mente.

— Ivan



www.portodelenja.com

www.facebook.com/portodelenhaeditora

www.instagram.com/portodelenha